

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

19



O MELHOR DE UM BANCO



ESTÁ NA CAIXA



*A Caixa Econômica Federal tem as melhores opções
para você aplicar o seu dinheiro.*

*Tem Caderneta de Poupança, tem CDB e RDB,
tem Open e Over, tem Fundos de Investimento...*

*...além de prestar os demais serviços
que só um grande banco pode oferecer.*

*Tudo isso com a tradição e a garantia de quem administra e
executa alguns dos principais programas sociais do
Governo Federal.*

*O melhor pra você está na Caixa.
Vem.*

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL**



Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos, guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

19

janeiro / fevereiro / 1991
ano IV

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Carlos Jorge
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impresão: Traço



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados.

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antônio Torres,
Eduardo Portella, Sonia Coutinho,
Fernando Sabino, Mário da Silva Brito,
Rubem Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro),
Paloma Amado Costa (Brasília), Nádia Gotlieb,
(Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Aciolli (Pernambuco),
Sérgio de Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado
(Goiás), Antônio Holhefeldt, Armindo Trevisan,
Danilo Ucha (Rio Grande do Sul),
Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino
(Argentina), Isabel Allende (Venezuela),
Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México),
Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden,
Richard O'Connell, Tomas Colchie
(Estados Unidos), Alice Raillard, Francis Combes,
Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio (Itália),
José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro
(Portugal), Xela Añas (Espanha),
Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff
(Bulgária), Pavla Lidmilová (Tchecoslováquia),
Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kaluguim,
Vera Kuteichicova (URSS), Jorge Alfama
(Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola),
Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

Capa: EXU,
de Juracy Dórea

3
CAETANO VELOSO
entrevista

8
AGNESE PURGATÓRIO

13
EVA PAULINO BUENO

17
DAISY VALLS

18/19
FÉLIX CONTRERAS
LUIS ROGELIO NOGUERAS

20
PEDRO JUAN GUTIÉRREZ

21
NEY LOPES

25
JORGE RUEDAS DE LA SERNA

26
ELVIRA FOEPEL
Cyro de Mattos

29
LUIZ ANGÉLICO

30
REPORTAGEM

32
GERALDO MAIA

34
INÉDITOS
Leticia Prata/Ana Luz/Cristina
Pinheiro Pereira/Cacilda Laborda

36
Registro

Poster
Desenho de Sergio Rabinovitz
Texto: Claudius Portugal





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente:

Germano Tabacof

Diretor Executivo:

Myriam Fraga

Conselho Curador:

Adary Oliveira • Alfredo Machado • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto • Jorge Calmon
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa.

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga • (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo • (SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Maria do Socorro Félix Borges e Silva • (Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres.

Conselho Fiscal:

Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins.

Mantenedores:

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda. • Fundação Nestlé de Cultura • Jean Luc Lagardère
Nacional Iguatemi Empreendimentos • Banco Econômico S.A. • Bradesco.

Convênios:

Secretaria de Educação do Estado da Bahia • Secretaria da Cultura
Fundação das Artes • Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil
- Madrid - Espanha • Fundação Internacional Liudmila Jívkova • Fundação
Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal.

Caetano Veloso

Leu muito desorganizadamente, mas lia menos quando era novo. Menino e adolescente lia pouco e até envergonhadamente e curiosamente vou dizer uma coisa: eu tinha uma idéia da vida intelectual, uma espécie de desejo, imaginava uma coisa que não havia na minha casa, uma biblioteca que enchesse toda uma sala. **Meu pai tinha uns livros, minha mãe também, tinha algumas estantes e a coisa era mais ou menos caótica em relação a literatura na arrumação da minha casa em Santo Amaro. Mas eu imaginava para mim mesmo, na vida adulta, uma biblioteca que eu pudesse ler, e que as pessoas me respeitassem pela minha inteligência e que eu fosse muito culto. Tinha isto quando menino e tinha vontade disto. Mas na verdade eu nunca me organizei no sentido de fazer isto de maneira nenhuma e isto resultou num aumento de minha timidez em relação aos livros e para ser sincero eu comecei a comprar livros pessoalmente ano passado, 89/90, e tenho ido com frequência à livrarias e a senvergonhice de comprar livros eu mesmo, pois sempre deixei ao acaso por causa de uma espécie de timidez, ou por causa deste desejo de ser um letrado, de estar entre os livros, tive vergonha de fazer isto a sério e parece que é uma revelação da minha visão infantil.**

Então eu não posso precisar um início dos meus contatos com a literatura. É claro que ao saber ler, li coisas de Monteiro Lobato,

O Brasil
tem seus ouvidos ligados nele,
e ele emite acordes dissonantes
pelos mil alto falantes.
Sua presença mantém teso
o arco da conversa e da arte,
e é da maior importância
para todos nós. Aqui, a EXU papeia
com o Caetano poeta,
o brilho de sua palavra estética,
a língua é sua pátria,
e ele faz soar sua sílaba,
tudo por um acorde maior — a poesia possível,
viva,
cotidiana,
além de versos,
no tambor de todos
os seus ritmos e
na rima de seu estilo.

mas teve alguns momentos, um é bem misterioso e é anterior ao que vou contar depois e me fizeram ter uma ligação com a literatura, com a palavra escrita artística, que de uma certa forma equivale à experiência que tive na música popular com a bossa nova, é que entre os livros que paravam em minha casa, na certa dos meus primos Souza Castro, Frederico e Guilherme, eles tinham uma ligação com Mabel que gostava de literatura, de conversas intelectuais, e tinha uns livros que deviam ser desta turma, e menino eu li um livro de William Saroyan, que tinha uns contos, e esta leitura, não posso precisar a idade, mas ainda morava em Santo Amaro, me impressionou estranhamente e é preciso até saber de onde vem estas coisas, porque a impressão que me dava é que eu já conhecia muito a literatura convencional e aquilo era uma modernização. Era como se eu tivesse uma cultura literária anterior a um verdadeiro contato com a literatura, com a leitura, e eu sacava que aquilo me fascinava como uma espécie de modernização da literatura, que era uma coisa que eu conhecia muito pouco. É curioso e talvez seja uma coisa bem brasileira e de todo modo dá uma impressão de que você pode ter umas estruturas assim inatas, tão complexas como ter a idéia de como são as convenções da literatura ou as formas eleitas, que complexidade tem aquilo, mas na verdade tenho a impressão que você capta isto rapidamente com o pouquinho que você lê, com as conversas que você ouve, os modos que as palavras são usadas no próprio cotidiano, como as pessoas mais velhas se referem a literatura. Pequenos trechos que você lê e coisas maiores que você lê, lhe dão uma idéia de todo panorama do que é estabelecido a respeito daquilo e se sua cabeça tem uma excitação muito grande naquela direção, você rapidamente, sem pensar, faz um panorama, de modo que quando vê alguma coisa que de algum modo mexe com as estruturas tradicionais, percebe como você tivesse lido todos os livros. Tive esta experiência lendo estes contos bem menino. Porque eu li não sei. Pode ser a atração. Mas tinha preguiça de ler como as pessoas novas tem, preguiça de me concentrar na leitura. Gostava de ficar lendo casualmente, mas não gostava de ter compromisso com a leitura. E mantenho a idéia da leitura como uma coisa de prazer, um prazer irresponsável. Mantive isto. Leio, mas não gosto de ler bobagens. Não gosto de revista em quadrinhos, de literatura comercial, de romance policial. Gosto de literatura artística. Gosto de Proust, de Stendhal, Tolstoi, Thomas Mann, Gertrud Stein, e leio na cama, deitado. Gosto de ler livros que eu sinta que é bacana.

Aos 17 anos apareceu uma pessoa vendendo a revista Senhor e eu fiquei fascinado. Meu irmão mais velho, Rodrigo, fez a assinatura para mim e, neste número, tinha um conto da Clarice Lispector chamado a "Imi-

uns

uns vão
uns tão
uns são
uns dão
uns não
uns hão de
uns pés
uns mãos
uns cabeça
uns só coração
uns amam
uns andam
uns avançam
uns também
uns cem
uns sem
uns vêm
uns têm
uns nada têm
uns mal uns bem
uns nada além
nunca estão todos
uns bichos
uns deuses
uns azuis
uns quase iguais
uns menos
uns mais
uns médios
uns por demais
uns masculinos
uns femininos
uns assim
uns meus
uns teus
uns ateus
uns filhos de deus
uns dizem fim
uns dizem sim
e não há outros.

tação de Rosa", o qual nunca me esqueci e me impressionou violentamente. Eu o releio hoje e continuo achando deslumbrante estes contos dos *Laços de Família* e da *Legião Estrangeira*. São deslumbrantes. Depois, ainda na revista Senhor, Guimarães Rosa. E por indicação de uma professora no Severino Vieira, João Cabral. Fiquei deslumbrado com ambos.

As impressões mais marcantes são estas duas que descrevi. Ligadas a prosa. É claro que uma prosa suspeitissimamente lirizante, e que foi apontado por alguns, depois, como doença da prosa.

Contei estas histórias ligadas a literatura porque vocês me perguntaram, mas na verdade durante todo este tempo que as coisas aconteceram eu era pintor, desenhava, e seguramente eu tenho mais facilidade para as artes visuais que para a música. Eu sou um amador nesta matéria e é preciso a gente lembrar sempre.

Minha ligação com a poesia concreta é uma coisa muito curiosa. Já foi maldosamente dito que haveria uma combinação entre eu e Augusto de Campos e que eu serviria de divulgador. Não uma combinação explícita e cínica, mas no ponto que acontecia, e que tinha sido feito de uma maneira malandra, e que eu serviria de divulgador da poesia concreta e ele como guarda-costa teórico do Tropicalismo ou do que a gente fizesse em música popular. Na verdade muito do que se viu nos nossos encontros foi um necessário enfrentamento das dificuldades seguindo os caminhos que seguíamos cada um de nós. Teríamos que um dia nos encontrar. Quer dizer, acho que de uma certa forma, neste período que me referi, final dos anos 50, quando a alta e baixa cultura pareciam estar misturadas, não haver limites, como outros limites também pareciam rompidos, mas aqui estamos falando de literatura, neste período a aproximação pareceu perfeitamente natural. Augusto me procurou, por que se interessou por algo que eu tinha dito numa entrevista e pela música que tinha ouvido num festival, *Boa Palavra*. Perguntei se havia sido este título ou a palavra palavra que tinha atraído ele, isto anos depois, e ele me disse que na verdade foi a melodia que tinha uma extensão tão grande, uma diferença de altura, que ele achou inusitada na música popular brasileira é que foi isto que o atraiu e que a palavra palavra também, tanto que ele colocou no título do artigo que escreveu. Este artigo me foi mostrado por um amigo, eu li, achei interessante, mas achei distante, como alguma escrita de outro mundo. Não senti-me próxi-

sampa

alguma coisa acontece no meu coração
 que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão
 é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
 da dura poesia concreta de tuas esquinas
 da deselegância discreta de tuas meninas
 ainda não havia para mim rita lee
 a tua mais completa tradução
 alguma coisa acontece no meu coração
 que só quando cruza a ipiranga e a avenida são joão
 quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
 chamei de mau gosto o que vi de mau gosto o mau gosto
 é que narciso acha feio o que não é espelho
 e à mente apavora o que ainda não é mesmo velho
 nada do que não era antes quando não somos mutantes
 e foste um difícil começo afastado o que não conheço
 e quem vem de outro sonho feliz de cidade
 aprende depressa a chamar-te de realidade
 porque és o avesso do avesso do avesso do avesso
 do povo oprimido nas filas nas vilas favelas
 da força da grana que ergue e destrói coisas belas
 da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
 eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços
 tuas oficinas de florestas teus deuses da chuva
 panaméricas de áfricas utópicas tûmulo do samba
 mais possível novo quilombo de zumbi
 e os novos baianos passeiam na tua garoa
 e novos baianos te podem curtir numa boa

De Palavra em Palavra

som
 mar
 amarelanil
 maré
 anilina
 amaranilanilinalinarama
 som
 mar
 silêncio
 não
 som

mo nem muito excitado por aquilo. Por todas as razões ele pode estar hoje menos interessado na música popular como esteve antes, por muitas razões. Talvez por estar a música popular menos interessante ou talvez por que as relações entre a alta cultura e a cultura de massa estejam menos estimulantes, de todo modo em relação a mim, na amizade e ao meu trabalho, o Augusto permanece. É o mesmo carinho, a mesma atenção. E eu pela poesia concreta também.

Mas neste período eu tive contato com autores, e principalmente com dois autores. Jorge Mautner e José Agripino de Paula. O Mautner tenho repetidamente falado, gravei canções, e todo mundo sabe o interesse que ele desperta. O José Agripino, de quem se fala menos, mas acho o livro *Panamerica* extremamente fascinante, como alguma coisa que parece mesmo assim cortar no pulso que em si mesmo já é forte. Me impressiona o modo, a atitude. Escrever um livro naquela situação já é tão diferente do que eu imaginava que aquilo é um impacto para mim. E a inteireza dele em fazer aquilo. Quando você lê o livro é tão magnificamente indiscutível que fica-se impressionado. Além disso me impressionava como personalidade. Conheci-o através do Rogério Duarte, que é uma figura que de certa forma seria um coringa de todas estas posições e que não propriamente organizou uma obra literária, mas poderia e pode, se quiser. Mas José Agripino é, também, por outras áreas, que me parecem mais fáceis de criticar do que na literatura, como o filme que ele fez e eu acho dos mais lindos já feitos no Brasil. Aliás, dois. O longo preto e branco chamado *Hítler Terceiro Mundo*, que é uma humilhação para a maioria dos cineastas brasileiros em quase todos os seus momentos, e é uma opinião nítida, não tenho dúvida sobre isto desde a primeira vez que vi. O revi ano passado e tive a mesma nítida impressão. E um curta em super 8 que foi feito aqui na aldeia de Arembepe, colorido, mudo, que é das mais belas imagens em movimento produzidas no Brasil. Tem os espetáculos de teatro que ele fez. As outras coisas ficam parecendo vanguarda amadores, menos Gerald Thomas, que parece-me extremamente profissional. Então aquilo me impressionou muito e era muito nítido que o que era buscando era conseguido e com muita inteireza. Depois li *Lugar Público*, o primeiro livro, e muitos manuscritos que não chegou a publicar, onde era mais lírico, mais sonoro.

Eu escrevo e quando faço a música mudo e isto varia e às vezes faço música sem letra nenhuma, às vezes é só um pedaço que escrevo, e algumas, por exemplo *Minha voz Minha vida*, é bonito, a música é bonita, tem umas frases legais, que funcionam para Gal

cantar e foi feito para ela, mas a letra tem horas que eu não entendo direito e é um pouco irresponsável a coerência do que está sendo dito, mas isto não é muito freqüente em mim. Há irresponsabilidade para vários lados mas este lado não é freqüente. Este exemplo é muito claro para mim e nem tomei cuidado e é das coisas que adoro e que jamais faria se não fosse naquela situação. É o caso de *Reconvexo*, que Bethania me pediu, eu estava na Itália, choveu, e no outro dia vendo os carros cheios de areia, soube que era do Saara, e adorei esta coisa e comecei com ela.

Não escrevo muito as letras das canções. Eu conto e copio umas partes, ou às vezes inteira, ou escrevo antes uns pedaços e faço a complementação cantando. Não anoto direito, e não sei como são os versos direito na página e isto atrapalha quando me perguntam e não sei como é ao certo como são os versos na página. Mas se eu datilografar faço na hora uma escolha porque eu gostava de desenhar e gosto de poesia concreta.

As citações nas minhas letras faço por irresponsabilidade, por alegria, por gosto, e por causa de uma coisa que ficou dos anos 60 que foi uma tendência de borrar todos os limites, as fronteiras, as demarcações, e então entre outras demarcações foi a distinção entre alta e baixa literatura, e justamente nesta onda foi que apareceu o Tropicalismo na música popular brasileira. Entre outras coisas havia esta questão, e é evidente que alguma coisa ficou. Esta época passou, mas fiquei com alguns hábitos. Misturo sem muitos problemas nem para as pessoas que não tem acesso ou interesse pela alta cultura e para os que tem. Suponho.

Com canção popular eu tenho muita intimidade. Aliás, não tenho tendência para ser erudito em nada. Não tenho arquivo, não gosto, posso até um dia vir a gostar, mas não sei fazer e antigamente tinha até uma certa raiva, mas hoje não. Acho até bacana ser mais organizado.

Sei muitas canções e me sinto íntimo e na obrigação de saber o autor de todas. Sei muitas brasileiras, algumas americanas, cubanas, fados portugueses, mexicanas e argentinas, e pouquíssima francesa.

Se soubesse que poderia fazer uma música que realmente levasse digamos as pessoas, pelo menos as da cidade do Salvador a usarem melhor a cidade, a pararem no sinal vermelho, a não jogar lixo na praia, conseguisse isto e não é fazendo uma música para fazer uma campanha para isso, se tivesse uma canção que ajudasse a isso, acharia uma conquista maior do que as outras. Seria alguma coisa de realmente social no desejo. Fico impressionado com a música de Gil para os Filhos de Ghandi, que é uma canção que mudou em grande parte o perfil da Cidade do Salvador, e isto me impressiona enormemente. Sinto este apelo pelo tipo de localização na sociedade pelo trabalho que eu faço. Deve ser uma vontade de atuar na realidade, e que a poesia seja possível.

giulietta masina

pálpebras na neblina, pele d'alma
lágrima negra tinta
lua lua lua lua
giulietta masina
ah, puta de uma outra esquina
ah, minha vida sozinha
ah, tela de lua puríssima
(existirmos a que será que se destina)
ah, giulietta masina
ah, vídeo de uma outra luz
pálpebra de neblina, pele d'alma
giulietta masina
aquela cara é o coração
de jesus

pipoca moderna

e era nada de nem noite de negro não
e era nê de nunca mais
e era noite de nê nunca de nada mais
e era nem de negro não
porém parece que a golpes de pê
de pé de pão
de parecer poder
(e era não de nada nem)
pipoca ali aqui
pipoca além
desanoitece a manhã
tudo mudou

araçá blue

araçá azul é sonho segredo
não é segredo
araçá azul fica sendo
o nome mais belo do medo
com fé em deus eu não vou morrer tão cedo
com fé em deus eu não vou morrer tão cedo
araçá azul é brinquedo.

Acho que atualmente no Brasil a sensação é de muito mal estar social e de perspectiva pessimista para um futuro pelo menos próximo. Parece que este negócio de país do terceiro mundo tende a piorar e que a América do Sul não se tem como controlar e que o presidente da república, este que se tem aqui é uma caricatura do que teria de ser um presidente das classes dominantes, capitalista modernizador do capitalismo, que estivesse de acordo com os empresários para melhorar os empregos, as oportunidades para este bando de gente miserável. E não é isto que acontece. Isto desanima um pouquinho fazer para este lado de bom comportamento civil, municipalista. Parece uma piada. Mas é o que eu gostaria de fazer. **Alguma coisa que animasse as pessoas para o bem, mas está difícil. O tempo é um tempo muito brabo, o mundo é grande, a maioria em péssimas condições e os países capitalistas festejando a grande vitória de que eles são a prova da única coisa que pode haver de bom e isto é o que já aconteceu. Só que eu não faço parte desta festa e não é porque eu pense que eu tenha outras soluções ou que pense em sociedade socialista. Não é isso. É uma questão de eu saber que se tem uma crítica permanente a tudo isto que está rolando e você está sempre fora de uma certa forma, à margem. A sabedoria do artista é uma coisa muito difícil, e eu sei porque quase que sou um artista e convivo com estas questões de criar.**

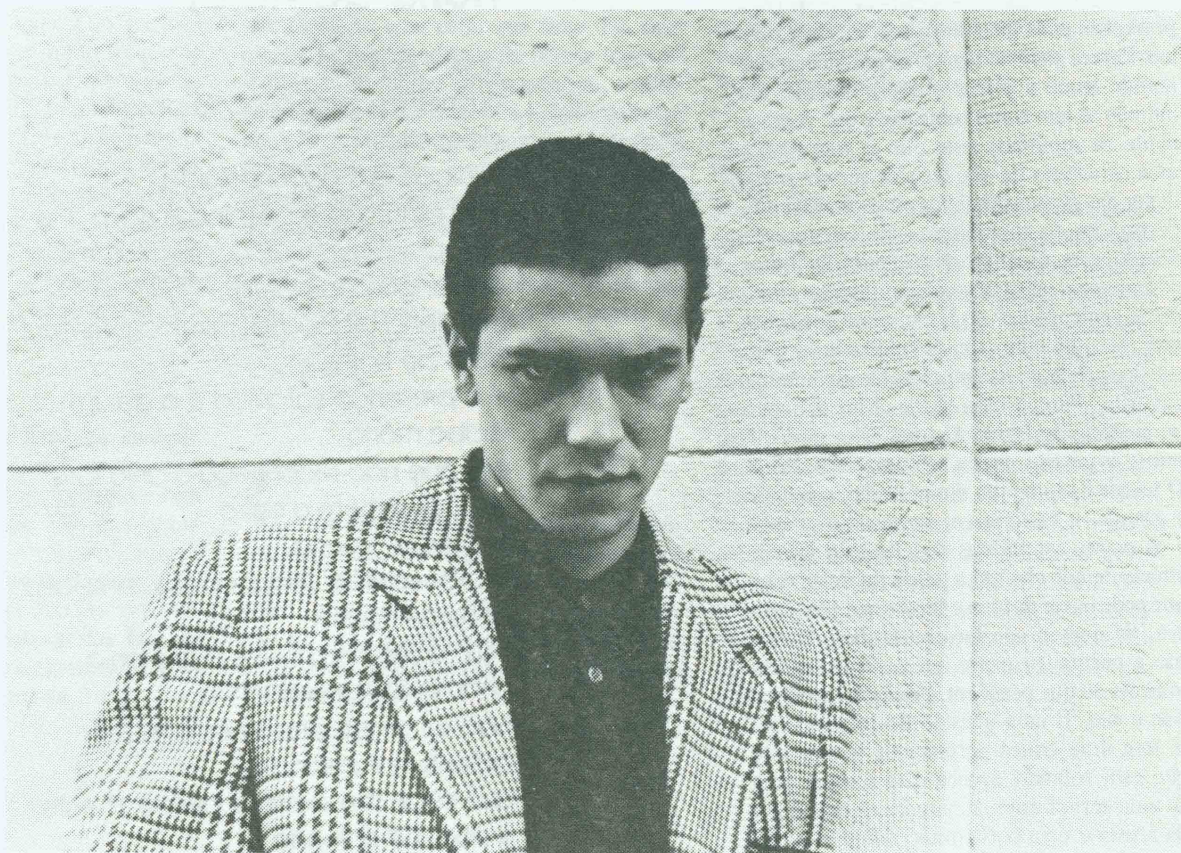
Esta coisa de música popular, de cultura de massas, é uma coisa muito duvidosa, é o resultado de um encaminhamento do mundo que uma sociedade de massa tem de criar um tipo de divertimento.

Todas as coisas interessantes que foram feitas do início do século para cá continuam igualmente pertinentes, e há duas interrogações sobre a arte no nosso tempo e uma se refere ao fato de a modernidade ser um rompimento, como se fosse sempre uma negação do imeditamento precedente, como se não pudesse parar, e do outro lado uma evidência de que tudo que parecia moderno e indigesto em 1912, hoje parece moderno e indigesto igualmente. Aparentemente parece que tudo está numa liquidação, que não tem mais nada, e que é uma roda de signos loucos que todo mundo já passou e as pessoas fazem referência que já era, e ao mesmo tempo é um escândalo a arte moderna. Estranhamente, a arte moderna continua moderna como era, embora você se acostume e eu diga isto representando pessoas que a estão acompanhado ou não. Muitas modernizações são feitas para valorizar e os que querem destruir são os que tem mais amor e não querem ficar apenas participando. Evidente que há uma violência na história quando você faz uma coisa criativa.

noite de hotel

noite de hotel
a antena parabólica só passa
videoclips
diluição em água poluída
(e a poluição é química e não
orgânica)
do sangue do poeta
cantilena diabólica, mímica patética
noite de hotel
e a presença satânica é a de um
diabo morto
em que não reconheço o anjo torto
de Carlos nem o outro
só fúria e alegria
pra quem titia Jagger pedia simpatia
noite de hotel
ódio a Graham Bell e à telefonia
chamada transatlântica
não sei o que dizer a essa mulher
potente e iluminada
que sabe me explicar perfeitamente
e não me entende
e não entende nada
noite de hotel
estou a zero, sempre o grande otário
e num o ato mero
de compor uma canção
pra mim foi tão desesperadamente
necessário

Eu tenho consciência social, mas eu não sou muito sociológico. Na verdade não sou adepto da tendência de criticar os objetos de arte, a produção artística, do ponto de vista preferencialmente sociológico. Porém, sou obrigatoriamente interessado na questão, na dimensão sociológica. Eu sou sociológico. Faço música para massa e todo mundo lida com ela.





Di chi é lo sguardo
che guarda coi miei occhi?
Quando penso che vedo,
chi continua a vedere
mentre sto pensando?

FERNANDO PESSOA



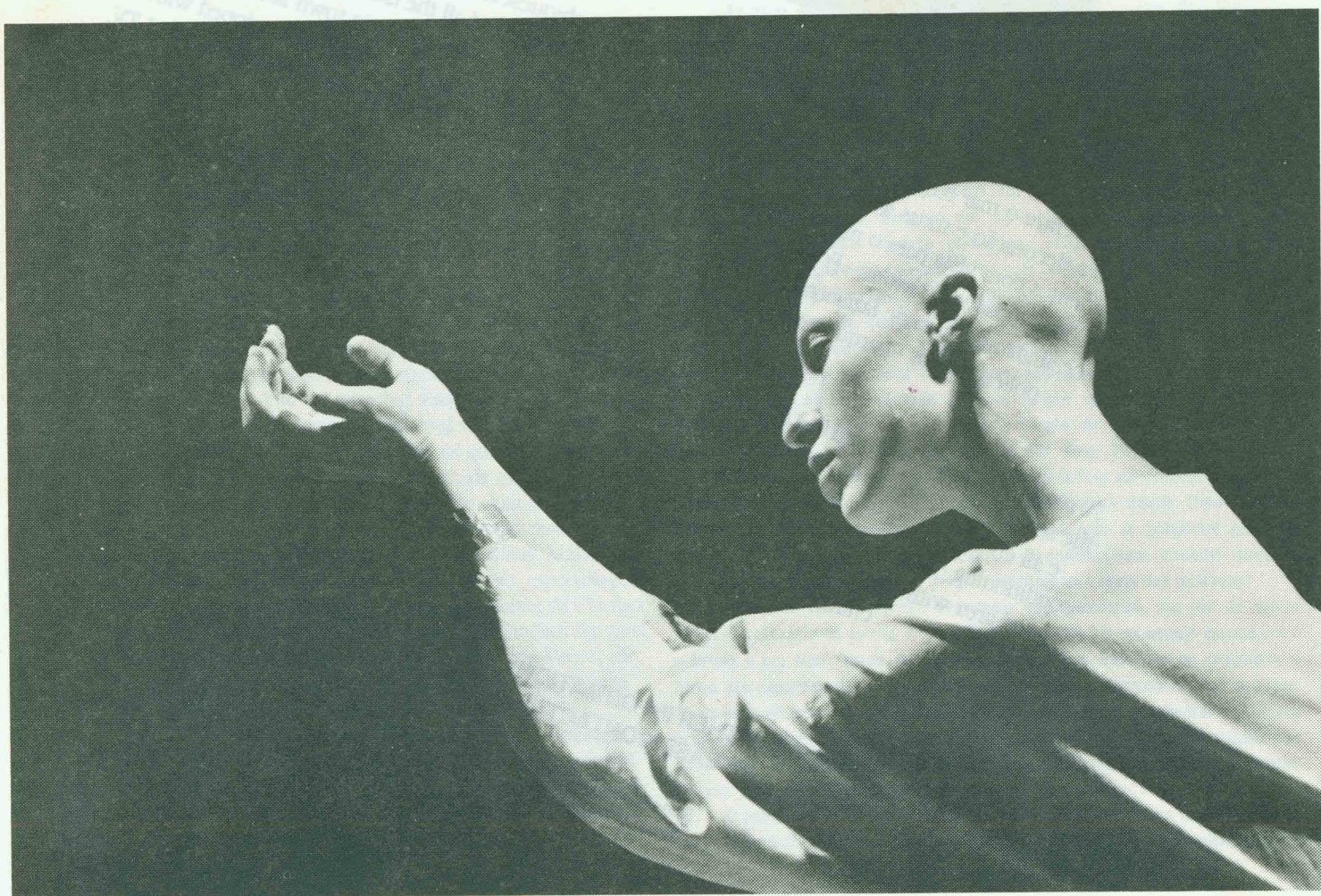
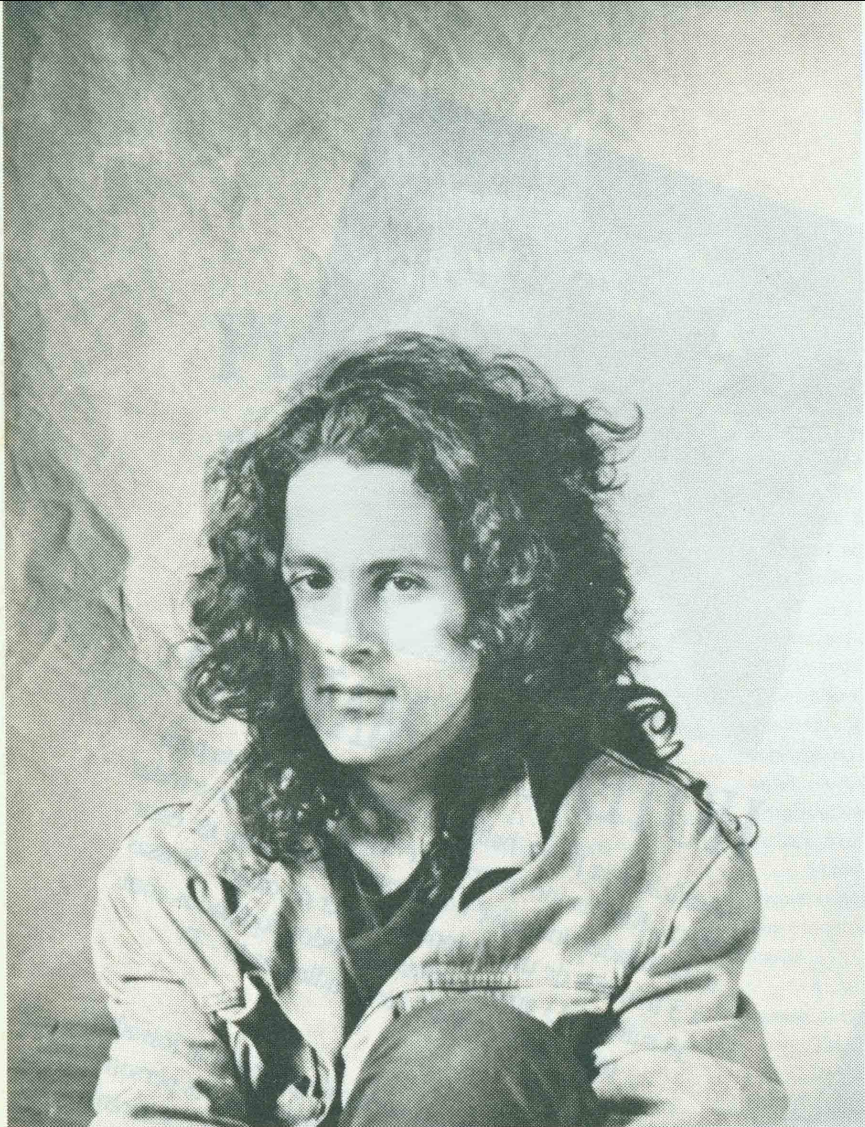
Agnese agora começa a olhar o olhar. Fiquei particularmente emocionado ao ver que, para apresentar uma exposição sua sobre o tema, ela escolheu palavras de Fernando Pessoa traduzidas para o italiano. Tudo condiz com a sua personalidade sensível e simples, com seus silêncios, com sua *sinceridade* de observação.

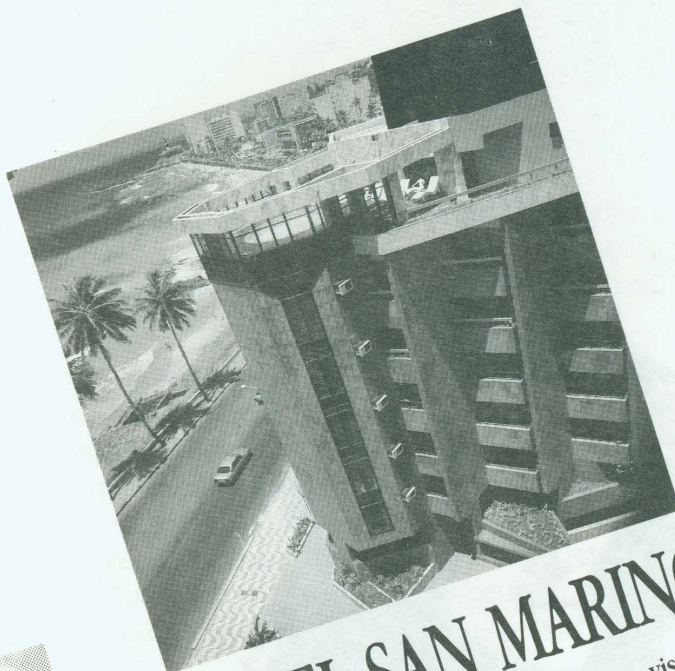
A fotografia é quase nada. Por um triz alguma coisa capta-se, escapa. É preciso uma entrega muito grande para que alguma relação real entre o fotógrafo e o seu objeto (a fugacidade das coisas no tempo) se dê. Conheci Agnese Purgatório quando fui cantar em Bari, Puglia, Itália, num festival de arte de "vanguarda" dedicado ao que eles chamavam de "Zonas do Tempo". Ela era tímida e objetiva ao mesmo tempo. Fez algumas fotografias minhas em Bari, das ruas de Bari comigo dentro. Não apenas gostei do resultado: aprendi um pouco sobre mim vendo as fotografias reveladas. Depois vi outros retratos, outros temas. Agora fico feliz em vê-la mais perto de nós (Agnese fala português quase tão bem quanto fala italiano), publicada no Brasil, via Bahia.

O olho da câmera, o olho de quem fotografa, o olho de quem é fotografado: Agnese está se aproximando do que deve ser essencial.

Caetano Veloso







HOTEL SAN MARINO

Localizado na Barra, bairro de Salvador, com vista para o mar, o San Marino oferece serviço personalizado e todas as facilidades, inclusive bons restaurantes, além de estar a 3 minutos de um Shopping Center da cidade. Nossas 30 suítes e 33 apartamentos são todos equipados com: telefone - Frigobar - Ar Condicionado - TV.

In a privileged position overlooking the sea in Salvador's chicest area "BARRA", the San Marino offers personalized service and all the facilities including good restaurants and the shopping center in town at a 3 minute walk. We offer 30 suites and 33 rooms all equipped with: Telephone - Frigobar - Air Conditioning and TV.



HOTEL SAN MARCO

Localizado entre o mar e o Centro de Convenções, com luxuosa decoração e todas as comodidades, com 70 apartamentos com vista para o mar, equipados com: TV - Ar Condicionado - Telefone - Frigobar, o San Marco oferece ainda uma área de lazer com: piscina - quadras poliesportivas - parque para crianças.

70 room all with sea view and in a unique position between the sea and the convention center, luxuriously decorated e all comodities each room is equiped with: TV - Air conditioning - Telephone - Frigobar, the San Marco offers good area with: Swimming - pool - polysport complex childrens park etc.

**FOR FURTHER INFORMATION
PLEASE CONTACTUS:**

Tel.: (071) 235-4363
Tele: 760180
Fax: (071) 241-4870
Special Packages and dates can be arranged with
the direction who will have pleasure in helping you.
English - French - German - Italian

Pimenta nos Olhos dos Outros

Quando o relógio da sala marcou onze e meia João decidiu que era hora de parar. Colocou todos os lápis e lâminas dentro do copo de cerâmica e as borrachas na gaveta da escrivaninha. Enrolou as folhas de papel milimetrado cuidadosamente e jogou os retalhos de papel no cesto. Sentiu uma dorzinha aguda nos olhos, e lembrou que não tinha usado o colírio nem uma vez aquela noite. Decidiu que talvez o melhor fosse não usar as lentes de contato no outro dia.

— Vão me estranhar amanhã.

Usava lentes de contato desde que chegara à cidade. Não que gostasse. Ele até que preferia os óculos de aro transparente que usava desde os 20 anos. Mas é que, conforme Márcia havia dito, com as lentes ele parecia mais jovem. Márcia, sempre tão cheia de confiança, tão gostadora de dar conselhos. Márcia que sempre sabia qual era a melhor solução, especialmente quando se tratava de enfrentar o ambiente de Chicago. Também, pudera. Ela estava ali há pelo menos dez anos, e desde que João havia chegado de Porto Alegre, ela era sua guia pelos caminhos tortuosos da cidade e da adaptação. Sabia de um tudo, aquela Márcia.

No quarto ao lado, Pepe ressonava. Tinha que estar na obra às cinco e meia todos os dias, e por isso ia para a cama às nove e meia. Com um suspiro, Pepe pronunciou umas palavras em algum dialeto espanhol que João já nem tentava decifrar.

— Un indio de plumas! — riu, forçando o sotaque espanhol.

No banheiro, a mesma coisa de sempre. Caixas e caixinhas de remédio, tubos e tubinhos de cremes. João pegou a parafernália das lentes, ajeitou tudo, e resolveu que o melhor era ir mesmo para a cidade sem elas no dia seguinte, talvez até fosse melhor descansar delas por algum tempo.

No dia seguinte, o céu estava tolamente azul. João parou num café para tomar o que ele ainda insistia em chamar de pingado, e que os americanos chamavam de coffee. Na rua, um homem carregando uma tabuleta oferecia panfletos aos que passavam. Ali pelas tantas, um outro homem, também carregando uma tabuleta, colocou-se a pouca distância do primeiro e começou a gritar coisas que João não entendia. Pelo movimento na calçada, parecia que os dois estavam tendo uma discussão qualquer. Gente começou a parar e rodear os dois homens das tabuletas.

João acendeu um cigarro e olhou o relógio. Tinha bastante tempo. Se tomasse o próximo ônibus, chegaria muito cedo. Resolveu ficar olhando a confusão na rua. Agora se podia ouvir as sirenes da polícia, e as pessoas que antes rodeavam os dois homens das tabuletas começaram a caminhar despidadamente. Duas mulheres pretas, com casacos muito largos, entraram no café. Vinham rindo.

— Imagina, dizia uma, com um sotaque carregado, armar uma confusão daquelas porque um acredita que o fim do mundo vai acontecer agora, e o outro que os comunistas estão invadindo os Estados Unidos. . . Tem cada louco!

A outra mulher, mais velha que a primeira, começou a desabotoar o casaco, ainda rindo.

— Coisa de loucos, minha filha. E como tem louco nesta cidade.

Na rua, dois policiais falavam com os homens das tabuletas. Um vozerio danado. João bem que gostaria de ir lá e ouvir de perto a discussão. Mas achou melhor ler o jornal e matar o tempo. O carro de polícia arrancou, levando os dois homens, só Deus sabe pra onde. A calçada voltou ao normal, e as pessoas continuaram a passar de caras vazias.

As duas mulheres pretas riam de algo que uma tinha dito. Riam alto, como se a piada fosse a melhor coisa do mundo. João sentiu um cansaço muito grande, da cidade, das pessoas, da xícara de café, do terno azul escuro que vestia. Pensou em telefonar e dizer que estava doente e que não iria hoje, mas precisava do dinheiro. Droga! O aluguel vencia em uma semana. Precisava comprar umas tintas. O inverno estava chegando e seu único casaco de lã estava ficando manjado, precisava de outro. Melhor comprar antes do inverno, que depois os preços iam subir com certeza.

Saiu para a rua, pisando em alguns panfletos jogados pelos dois homens das tabuletas. Queria poder sair daquela cidade agora, neste momento. Voltar para casa. Comer arroz com feijão. Ir à praia. Tomar cerveja. Escutar português nas ruas. Ligar o rádio e ouvir mais uma vez de mais um pacote do governo. Há quanto tempo havia saído do Brasil? Dois anos, três anos? Nem sabia ao certo. Parecia uma eternidade. Havia chegado no aeroporto Kennedy em Nova Iorque carregando os papéis de matrícula na Escola de Artes na Universidade de Nova Iorque, um bando de sonhos e um quilo de café. Primeiro teve que abrir o pacote de café na alfândega, que aquela gringa de merda havia desconfiado dele. Depois teve que sair arrastando o seu inglês de Basic English da escola Fisk até encontrar uma boa alma que lhe havia ensinado qual ônibus tomar para a cidade. Uma confusão danada até chegar ao hotel de nenhuma estrela onde se hospedou por uma semana. Tudo tão difícil, tão complicado. E ele sozinho, sem entender direito o que as pessoas diziam. Por que diabos engoliam as vogais das palavras?

Adoniran foi o primeiro brasileiro que encontrou, um dia de muita neve, na cafeteria da escola. Adoniran era escolado em conseguir carona para o Bronx e em filar festas de ricos. Tinha ajudado bastante no princípio, e havia até emprestado dinheiro. Bom rapaz, mas um pouco metido a besta. Devia ser por isso que havia se dado mal com uma turma do Harlem. Preto brasileiro querendo cantar de galo com os pretos americanos, só tinha que dar no que deu. Ainda bem que a polícia não havia se lembrado de procurar por ele, João, quando a encrenca estourou.

O ônibus chegou. João subiu e pagou a tarifa. Não tinha nenhum banco vazio. Ele segurou nos canos e começou a ler as propagandas de cigarros e de

clínicas de abortos pregadas nas paredes do ônibus. Uma criança chorava e o pai mandava calar. No próximo ponto, o pai, um homenzarrão de quase dois metros, desceu do ônibus arrastando o menino que guinchava sem parar. João lembrou do pacote de leite, que trazia o retrato de um menino daquela idade. Mais um entre milhares de crianças desaparecidas. Será que o menino com o homenzarrão era um deles? O homem estava tão bruto com a criança que João entrou a pensar que talvez nem fosse o pai do menino. Quanto sera que eles pagam se a gente encontrar uma dessas crianças desaparecidas? Não teve tempo de perseguir este pensamento, porque uma mulher desandando perfume entrou no ônibus. O cheiro o atingiu como um soco no estômago. Sentiu náuseas. A mulher se colocou perto dele. O cabelo dela, incrivelmente loiro, parecia ter acabado de sair da cabelereira. Estava duro de laquê. Talvez o perfume enjoativo viesse do cabelo. As pequeninas ondas, feitas a ferro, quase tocavam o nariz de João.

Sentindo que se ficasse ali mais um momento ia vomitar na cabeça da mulher, João puxou a campainha. Quando o ônibus parou, João saiu pela porta afora, como que fugindo do perfume. Um ar de fumaça de automóvel o saudou assim que desceu os dois degraus. Não pôde resistir e vomitou ali mesmo, na calçada. As pessoas que passavam viravam a cara, enojadas.

-Que é? gritou ele em português. Nunca viram ninguém vomitar, seus gringos filhos da puta? Vão todos a merda!

Imediatamente sentiu vergonha de ter vomitado e ter chingado. Agora a cabeça doía. E o pior, estava ficando atrasado. Mas não podia chegar lá dessa maneira. Apostava como estava pálido como um tuberculoso. Entrou no primeiro restaurante que encontrou. Foi direto ao banheiro, lavou o rosto, penteou o cabelo. Estava mesmo pálido. Quem sabe devia comer alguma coisa salgada?

O garçon, um sujeito com uma cara cheia de espinhas, trouxe a sopa que ele pediu, e mais a água. Tinha um sotaque estranho, o garçon. Quem sabe era porto-riquenho? Estão em toda parte, estes porto-riquenhos. Também, têm as mordomias dos nativos. E ainda há os que reclamem do imperialismo americano. Esses porto-riquenhos, pelo menos, têm alguns privilégios que nós, também colonizados, não temos.

Saiu depressa do restaurante. Tinha só dez minutos para chegar. E eles não gostavam que se atrasasse para a cerimônia. João era fundamental para a cerimônia. Era a única pessoa que não só sabia todas as combinações para a produção do resultado esperado, mas que também, porque havia estudado arte, sempre tinha a idéia certa para a caixa que a família queria. E cada família queria uma coisa diferente. Uns queriam um trabalho mais sóbrio, so com as iniciais. Outros, queriam rosas em auto-relevo. Outros, queriam um desenho mais arrojado, com figuras de artistas. Elvis Presley era um grande favorito com o pessoal de cinquenta anos. Já havia desenhado vários John Lennon, alguns John Kennedy e uma meia dúzia de João Paulo II pra serem colados com a foto que a família trazia. E havia os chorões que queriam versos inscritos com letra gótica. Mas o que sempre causava mais discussões era o perfume. Tinha dias que João tinha que cheirar roupas que a família trazia e identificar o perfume, a marca. Depois tinha que comprar o perfume, colocar na máquina, fazer testes. Uma amolação. E nem sempre o resultado era o esperado, porque a mistura era muito estranha. Alguns ficavam aborrecidos, mas todos pagavam e levavam as caixas para casa. Um antigo funcionário disse que uma vez, um pouco antes de João chegar, uma família ficou tão furiosa com o resultado que jogou o conteúdo da caixa na rua, bem em frente da entrada principal. Era por isso que João havia sido contratado. Afinal, ele tinha recém terminado o curso de arte, desenhava bem, e, provavelmente, porque não podiam conseguir ninguém mais disposto a fazer o serviço. E tudo se havia arranjado graças a Marcia, grande Marcia, sempre tão sabida e falante, que havia feito um discurso enorme sobre as bobagens de brasileiro cheio de minhocas na cabeça e preconceitos de trabalho.

-Aqui tudo é trabalho, meu nego. Se considere feliz de ter surgido este que te paga bem e que não exige os papéis da imigração. Deixe de lorota e lembre que, se você não pega esse, ou você vai trabalhar em obras como Pepe, ou volta pro Brasil pra trabalhar de balconista.

-Mas é que, depois de estudar arte, de ter lido tantos livros, de ter participado em exposições no Brasil, eu queria fazer outras coisas, Marcia.

-Está bem, meu camarada. Mas a festa acabou mesmo no Brasil. Agora se você volta, não tem mais colher de chá. Sua turma ou está fora do país, ou roendo um empreguinho mixuruca esperando a coisa virar. Não pense que lá você conseguiria o que quer. E ainda por cima, consedere que aqui você pelo menos tem sua própria casa.

-Não exagere. Tenho que repartir a casa com Pepe. . .

-Está bem, meu santo. Faça o que quiser. Mas depois não me venha mandando mais cartas de Porto Alegre pedindo arrego. Não estou pra ficar ajudando nego orgulhoso.

Tinha sido difícil no começo. Mas agora estava habituado. Estava guardando um dinheirinho e quem sabe em julho iria a Flórida. Por alguma razão julho era um mês de pouco movimento. E eram aí suas férias. Depois, tinha a biblioteca. E mais as conferências que podia ir na universidade. E tinha Márcia, vez ou outra disposta a tirar uma folga dos clientes e ir dormir com ele. Quem não tem cão. . .

Notícias de casa tinha cada vez menos. O pai estava na fazenda. Os dois irmãos tinham seus empregos em Caxias e Porto Alegre. Nem ricos, nem pobres, remediados. João, por sua vez, sempre dizia que as coisas iam muito bem no escritório, e que seus novos projetos estavam sendo muito bem aceitos pelos clientes. Acreditavam? Não sabia. Nem se importava. Que se danassem todos. O importante é que estava aqui, tinha suas folgas, tinha suas farras, dois ou três amigos, e a companhia de Márcia. E sempre tinha a esperança de tudo de arranjar, acertar a situação da imigração, fazer um pé de meia, e visitar Porto Alegre. Não tinham rido dele e de seus sonhos de artista? Não tinham dito que ele era um biruta desenhador? Ah, ia provar a todos que podia fazer sua arte, fazer a vida, ficar famoso. Muitos aqui tinham começado com menos. Pena que tantos eram gays, e se ele quisesse uma beira, tinha que encostar neles. Ah, isso é que não. Agora, já que ele estava empregado, muito embora sem seguro médico nem situação regularizada, sabia que um dia ia encontrar alguma mulher rica e sozinha que viesse procurar seus serviços. E aí, nenem, ele ia deitar e rolar.

Da esquina viu o carro grande parado na calçada, em frente ao portão principal. Eram os McDowels, tinha certeza. Esses gringos sempre pontuais, quando falam onze horas, chegam às onze.

Entrou no edifício, e foi direto ao seu cubículo. A secretária, Lisa, havia lhe entregue um papel quando ele passou pela portaria.

-Boa dia, João. Os McDowels já chegaram para a cerimônia.

-Obrigado, Lisa. Pode dizer a eles que está tudo pronto. Podem ir para a sala em dez minutos.

Tirou o paletó azul escuro e vestiu a bata preta. Colocou o barrete. Tudo pronto. Uma pequena náusea voltou a dançar no estômago. Deve ser o cheiro, pensou, e dirigiu-se à sala da cerimônia. Os McDowels, senhor e senhora, estavam bem perto da caixa. Ela enxugava os olhos com um lençinho.

- Meu pobre queridinho! Como a mamãe vai viver sem você? Soluçava. O marido, calado, segurava um raminho de flores.

João, acostumado com aquelas cenas, apresentou-lhes a caixa, toda forrada de metal niquelado por dentro e de madeira trabalhada por fora. A mulher olhou, apalpou a madeira.

- Está bem. Acho que vai combinar com a decoração da nossa sala, disse.

O marido depositou o raminho de flores.

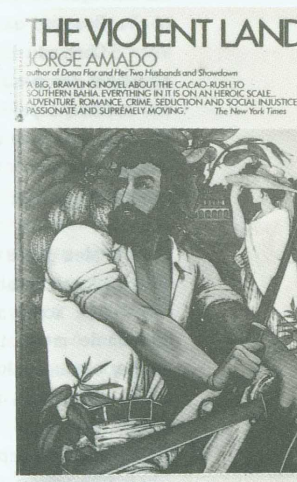
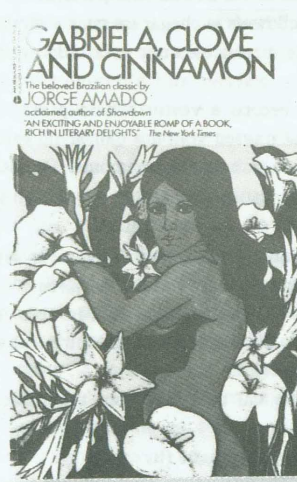
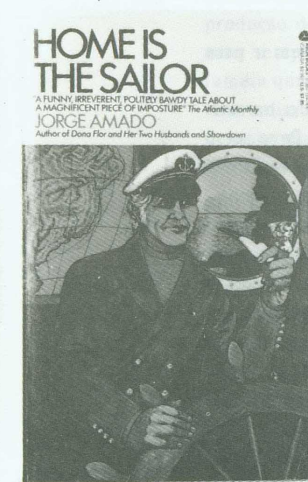
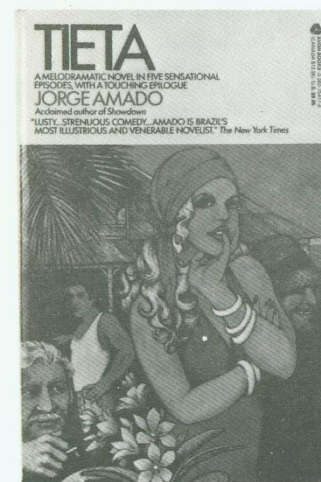
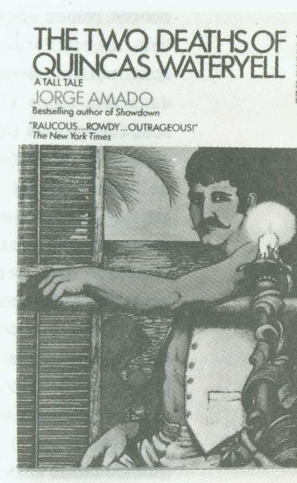
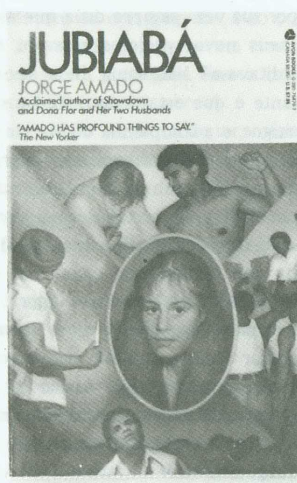
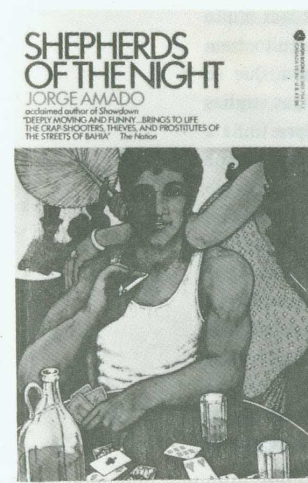
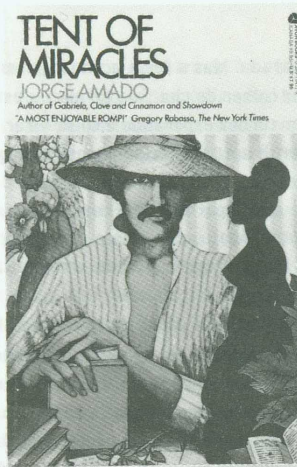
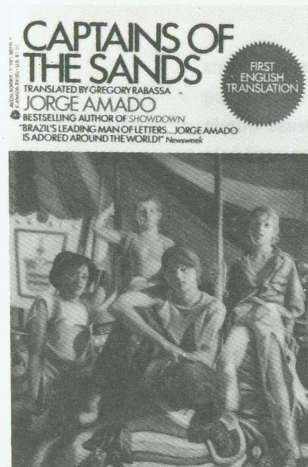
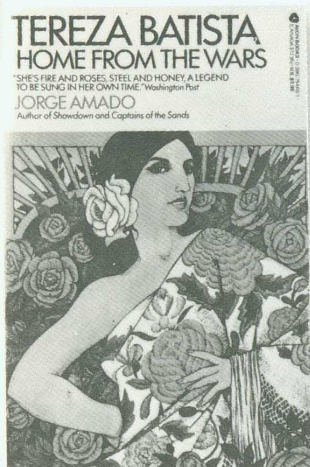
João tomou as providências, pôs tudo dentro do forno com elaborados movimentos, como num ritual.

-Talvez os índios fizessem isso assim, com todos esses salamaleques, pensou.

Tudo pronto, João deu uma última olhada para os McDowels, e apertou os botões. Em menos de um minuto, estava tudo terminado, e um cheirinho de alfazema invadiu o ambiente. Esperou um pouco para o sistema de refrigeração esfriar as cinzas. Com mais medidas, pôs as cinzas na caixinha trabalhada. Entregou ao casal, junto com uma pequena coroa de flores de seda. Uma fita pendia da coroa: "Cemitério de animais Porta do Céu -- tudo para seu bichano e seu cãozinho."

Lá fora o vento começou a soprar do lago.

Antes de Passar Por Aqui



Dê Uma Passadinha Por Aqui:



UNIVERSAL ENGLISH COURSE
Largo da Vitória
40120 - Salvador - Bahia. Tel.: 235-0503.

Curioso largo viaje

Desde un cuadro de Matisse

Hacia el agua desliza la ingenua lentitud
 de arenas movedizas, y deseable se despide.

En el instante de regreso
 inquieto tiembla el ser que el desierto
 no volverá madera ni haces calcinados.
 Tiembla cuando pregunta si la lluvia,
 si el fuego puede arder en la bahía;
 no aguarda la humildad de este pequeño
 don sobre la superficie: la migaja,
 y raudo viene a despedirse;
 se hunde cada vez bajo las aguas.

La luz perdona y el juego se complica
 mientras hace el curioso largo viaje
 por el interior de la pecera.
 Fragmentos del abismo (de su abismo) lo estremecen.

Toulouse-Lautrec convince a Yvette Guilbert

Bienvenida sea la expansión
 de este mil ochocientos noventicuatro
 la noche es toda para ti y van cayendo
 presurosas estrellas

arráncales el deseo

rúgele el brillo a su proyecto

compórtate

como si no existiera la joroba
 tú y la mejilla de melocotón

solamente

tú y el albaricoque
 benditos los carruajes

bendito el coche

tirado por caballos la yerba oculta
 creciendo en tus entrepiernas
 separados maitines desgarran mi chistera
 bendita tu voz de cantante pública
 tu voz que anuncia secretos paraísos
 encenderá mi rostro que era un universo oscuro
 una escalera trunca

voy a asaltarte y a asaltarte
 sea bienvenida la expansión de tu gesto
 entre el cartón y la tempera

no olvides de traer guantes azules.

FELIX CONTRERAS

*nasceu em Cuba, 1940.
Com vários livros publicados,
e participação em antologias
em vários países,
os poemas acima
foram extraídos do
livro inédito
Lo que es la vida.*

Mi buena suerte

Pena sería que el pueblo dejara de educarme
que de estos papeles no saliera
un rayito de luz para los demás,
que continuaran vivas aquellas telarañas,
pena serían aquellos dolores intensos
y yo dejara de percibir
estas pequeñas cosas
que hoy me hacen vivir.

LUIS ROGELIO NOGUERAS

*nasceu em Cuba.
Os poemas aqui mostrados
são do livro de 1990,
Y Otros Poemas Personales.*

PALABRAS

Para Guillermo R. Rivera

Palabras, palabras, palabras: uña, trasgo, piel, pólvora,
palabras que pueden verse, oírse, tocarse,
palabras del hombre común,
y también, las complicadas palabras de la ciencia,
palabras para el odio y el abrazo,
palabras que resbalan por el paladar
y gotean dulcemente en el oído más fino,
palabras concretas: son, pan, rama, nunca, verdad,
palabras para hacer reír a la muchacha
que cruza cada tarde, tostada como un pastel
y con un río de cuervos aleteando en sus espaldas,
palabras justas, injustas,
palabras del deseo, la castidad,
palabras en la belleza, la tumba,
palabras para ahora, hoy, mañana, tal vez, jamás,
palabras que recuerdan otras palabras,
que recuerdan otros sonidos,
que recuerdan el silencio
que se esconde
tras una larga conversación.

Rectificación

Hace algún tiempo escribí
que la distancia era buena,
que daba al amor un ligero sabor dulce
un ansia de llanura al nuevo encuentro.

Y ahora veo que cuando te vas
me quitas el suelo de la vida
y aquella oscuridad leve suave
en medio de la noche
que esperaba para besarte
ya no me lleva a la ciudad desconocida.

Ahora, aquí, en isla tan lejana,
en esta noche tan grande y sola,
veo que no es así.

Yo sólo quiero librar tu presencia,
borrar tanta distancia,
que estés conmigo no tan extranjera para mí,
que se repita nuestro encuentro de abundancia
y de nuevo digas:
"¡He llegado, desnúdame tú!"

UNA VELA

Como un amor de ayer
o una hora sobre el mundo
o el último cigarro de un suicida
esta vela se consume.

Movida por el viento
danza la llama naranja:
es como um árbol de cera
de follaje de llama.

Una hora
o un cigarro
tal vez como un amor
esta vela se consume
Lejos de ti.

Praga, verano de 1980

*nasceu em Cuba, 1950.
Jornalista, possui uma poesia gráfica.
Os poemas aqui pertencem ao
livro a sair La Realidad Rugiendo.*

TIERRA

la tierra lo atestigua todo
penetra y transforma
un enigma perenne
esboza la respuesta
decanta los secretos
esconde el final
y apenas concede el inicio
la tierra
abre un paréntesis cálido
pero es sólo un supuesto
en verdad
apenas dibuja su enigma
sobre mi pecho

MAR

la arena se desgrana
sobre los contornos del mundo
el origen de la vida
permanece bronco
entre el salitre y el yodo
con la furia guardada
o la tempestad a punto
la espuma roza apenas
a un hombre eterno
que pesca pensativo
trasunto de la eternidad
encaje del viento
de nuevo gira la espiral
y lo absorbe
para desintegrarlo
en una geología de ciclo infinito
de arena
salitre y yodo

Balangandãs, Quindins e Carurus

Alguns Étimos Africanos na Fala da Bahia

Há alguns anos, por prazer e ideologia, vimos tentando, através de pesquisa etimológica, dimensionar a importância numérica dos africanismos no português do Brasil.

Achamos que essa é uma tarefa de militância política. Através dela — acreditamos — vai-se ter meios para avaliar o verdadeiro peso, para a língua brasileira, dos vários contingentes étnicos africanos para cá trazidos como escravos. E vai-se proporcionar a abertura de novos horizontes aos estudos sobre procedência, migrações, fixação e continuidade desses grupos e seus descendentes nas várias regiões do território brasileiro.

Nosso inventário já conta com um número considerável de vocábulos. E nele chegamos a interessantes conclusões, como a necessidade de revisão de algumas etimologias tidas como pacíficas e a localização de línguas africanas determinadas em falares de determinadas regiões do País.

Em termos de Bahia, nosso trabalho aponta uma forte presença de étimos jêjes e iorubás, notadamente — é claro — na fala urbana da capital. Mas esse peso não exclui termos bantos, como se verá nestes comentários que selecionamos especialmente para os leitores de “Exu”. Vamos a eles.

AGUIDAVI, s.m. Baqueta fina com que, nos candomblés jeje-nagôs, se percutem os atabaques. Tb. **AQUIDAVI** e **OGUIDAVI**.

A palavra tem toda uma aparência de termo do fongbé, língua do antigo Daomé (“jeje” entre nós) principalmente pela terminação **vi**, lembrando o sufixo que designa os diminutivos naquele idioma (v.g. **kpêvi**, pequeno; **kpovi**, varinha, vareta). Lembra também o nome de uma etnia da região, **Guedevi** (**Ghedevi**?), referida por Ki-Zerbo na “História da África Negra”.

Entretanto, parece que só nos aproximamos do étimo com **ogidan**, tambor do culto de Ogum Ondó no antigo Daomé, citado por Verger em “Orixás”. Daí, chegamos ao verbete **Agida** do “Dicionário Musical Brasileiro” de Mário de Andrade (*tambor de grandes dimensões dos negros da Guiana Holandesa encontrado também no Daomé*), onde o étimo parece que se aclara: em fongbé, **vi** significa também filho, filha, criança; então, **ogidan-vi** ou **agida-vi** seria, metaforicamente, o “filho do tambor **ogidan** ou **agida**”, a baqueta, aí, numa relação de dependência e inseparabilidade em relação ao tambor, o que, a nosso entender, faz muito sentido.

ALABÊ, s.m. Músico ritual dos terreiros tradicionais.

Olga G. Cacciatore, no seu precioso “Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros” propõe como formação provável do vocábulo os termos iorubás **alá**, aquele que tem, e **agbè**, cabaça. Só que a cabaça-tambor dos iorubás é designada pelo termo **agè**, que se pronuncia, em português, mais ou menos como “aguê”, o que torna a hipótese improvável.

Por outro lado, encontramos, no mesmo iorubá, a palavra **alágbe**,

usada para nomear o mendigo, o pedinte. Estaria aí a origem do alabê afro-baiano? E o étimo remontaria ao uso dos terreiros de se oferecer dinheiro, durante as festas públicas, durante os xirês, aos músicos da orquestra ritual, que para tanto colocam até pratos ou bacias aos pés dos atabaques? Aachamos possível.

AMACI, s.m. Líquido preparado com folhas rituais maceradas em água e usado principalmente para banhos propiciatórios e de purificação. Na Casa-das-minas, em São Luís do Maranhão é preparado com água do comé (peji) e se diz amansi.

Achamos que o étimo está no fongbé **amasin**, remédio.

ATIM, s.m. Conjunto de folhas e ervas sagradas de cada orixá, o "pó", a "raspa", tirada dessas ervas e folhas e que teria poderes excepcionais de defesa e agressão espiritual.

Para nós vem também do fongbé: **atin**, árvore, madeira.

AVANIA, s.f. Toque rápido de atabaques, espécie de marcha, para entrada das iaôs ou saída dos orixás do "barracão" das festas públicas dos terreiros.

Somos tentados a ver o étimo no haussá **hawaniya**, camaleão, o que teria a ver com a rapidez da dança das iaôs ou dos orixás em fila indiana. E fomos levados a essa hipótese, talvez ousada, por comparação ao termo português calango, que tanto designa um réptil quanto um gênero musical rápido, ágil, nervoso, por analogia.

Mas não descartamos outra possibilidade: "**Avania**, s.f. — Vexação imposta pelos maometanos aos estrangeiros ou aos seus súditos cristãos (fig.) Vexame ou afronta públicos" (Nascen-tes, 1988) A exibição pública das iaôs seria a princípio uma espécie de vexação? E o termo seria de uso entre os negros islamizados? Quem sabe?

BALANGANDÁ, s.m. Ornamento, quase sempre de prata, usado pelas negras baianas em dias festivos.

A palavra parece ser mesmo de origem onomatopaica, como querem os que lhe buscaram a etimologia. Entretanto, a nós nos parece ele fruto de onomatopéias produzidas já em terra africana, como por exemplo: **belen-geze** (quicongo), voz onomatopaica;

bombwalangandja (lumbundo), onomatopéia que evoca a composição complexa do ruído do trovão. Vejam-se também: **ombalanganja** (umbundo), carne gorda; e **mbalanganja** (quimbundo), brigão, conflituoso. Mas preste-se especial atenção ao quicongo **bolongonza**, objeto que tilinta quando é transportado de um lugar para outro. Estaria aí o étimo?

BOBÓ, s.m. Espécie de purê de aipim ou inhame da culinária afro-baiana.

A.G. Cunha, secundando Macedo Soares, propõe como étimo o fongbé **bovô**, não confirmado por nós. Encontramos, em Portugal, o termo **bombó**, originário de Angola, designando, segundo Cândido de Figueiredo, *o tubérculo de mandioca, fermentado e enxuto, que, pisado num pilão, produz a farinha de que se faz o infúndi*. O étimo, então, poderá ser **mbombo**, vocábulo comum ao quimbundo e ao quicongo, significando mandioca amolecida e amassada, com ou sem casca. Mas isto se deixarmos de lado o iorubá **bó**, alimentar, e se esquecermos que a reduplicação de sílabas é um recurso bastante usado nas línguas africanas, quando se quer valorizar, superdimensionar uma palavra.

BOGUM, s.m. Denominação de um importante terreiro de origem jeje existente em Salvador, Bahia.

O termo iorubá **gbógun** parece significar algo como ataque, invasão. Por volta de 1820, inclusive, o território da atual Nigéria, e especialmente a região de Oyó, foi sacudido por um conflito chamado de **Gbógun War**. Mas achamos que o étimo não está aí.

Seria o termo, então, uma corruptela do fongbé **vôdoun**? Ou o étimo estaria na expressão iorubá **Igbó-Ògún**, floresta, bosque de Ogum?

CARURU, s.m. Espécie de guisado de quiabos com camarão seco e azeite-de-dendê, típico da cozinha baiana.

Tempos atrás, o guisado de que nos ocupamos parece que era feito principalmente à base da erva que talvez lhe dê o nome. E o nome da erva é, mesmo, de origem ameríndia, conforme M. Arnaud Sampaio: **ka'aruru** termo guarani que designa a **Celosia sp. cristata**, erva medicinal e alimentar da família das amarantáceas, e se origina do verbo **karú**, comer, alimentar-se.

Mas os africanos tinham também o seu caruru que, ao que parece, tanto podia significar uma planta comestível (diferente da ameríndia) quanto diversas formas de iguarias e alimentos. Vejamos:

Em 1796, visitando o Daomé, o Padre Vicente F. Pires anotava: *No dia 25 do dito, logo pela manhã nos mandou Meú um presente do famoso angu, com caruru de galinha*. Seria esse caruru daomeano um guisado de quiabo com galinha? Ou a galinha estaria acompanhada do caruru guarani? A primeira hipótese é a mais provável — achamos.

No século XIX os escravos cubanos comiam **calalú**. Esteban Montejó, nascido em 1860 e mais tarde escravo fugido (**cimarrón**) é que, no seu relato a Miguel Barnet, conta: *Faziam calalú que se comia do mesmo jeito que o yonyó. O yonyó era como um quibombó*.

Nas notas de pé de página deste trecho do livro de Barnet (v. bibliografia) a tradutora escreve: 74. **Calalú** — comida ioruba. É preparada com farinha e carne de porco. É o prato preferido de Xangô; 75. **Quibombó** — comida ioruba feita à base de quiabo. O quiabo cozido fica com um caldo viscoso ao qual se acrescentam legumes e carnes variadas.

Também em Cuba, Samuel Feijóo registrou o termo, embora ligeiramente alterado, neste canto de **Changó**: **Amalá mala cararú** / **Amalá Oní Sagó** / **Malá malá cararú**.

Sabemos que o prato preferido de Xangô é o amalá ou caruru. E sabemos também que o nome amalá designa o pirão consistente que acompanha inseparavelmente o caruru de quiabos. E que a voz popular fundiu tudo numa sinonímia só.

Sabemos também que o **quibombó** é voz cubana, irmã do quimbombô brasileiro, ambos os termos designando o quiabo e tendo como étimo o quimbundo **kingombo**. Assim, somos forçados a entender — talvez contrariando a tradutora de Barnet — que os termos cubanos **calalú** e **quibombó** significariam a mesma coisa.

Prosseguindo, vamos ver que em Angola o termo **calulu** é corrente, significando, ao que parece, também, um prato da culinária local. Veja-se, por exemplo, a palavra usada pelo escritor Benúdia (v. bibliografia): *Pior*

ainda: certos fulanos, metidos no meio dos trabalhadores, tratavam de manter o calulú quente (a expressão aqui está usada no sentido de instigar, fomentar briga, discórdia, desavença; incitar à violência).

Entre os quicongos de Angola, **kululu** é a porção de comida que as mulheres, ao fim do preparo da refeição, separam para o marido. Mas a língua deles, na variante localizada na parte ocidental do território do Zaire, fronteira com a República Popular do Congo, registra o termo **nlulu**, significando folha comestível amarga. Então, diante de todos esses dados, colocamos a questão: qual a etimologia da palavra?

Cândido de Figueiredo registra a forma calalu para nomear o **hibiscus esculentus**, planta malvácea. O termo é certamente de origem angolo-conguesa. Então, concluímos: dos homônimos, o caruru de étimo ameríndio é a erva comestível (o **nlulu** do quicongo seria mera coincidência); o nome da iguaria seria angolo-conguês e se originaria de um étimo ainda não determinado, talvez **kalulu**. Ou não?

DENDÊ, s.m. Fruto da palmeira **elaeis guineensis** Jacq. / o óleo extraído desse fruto.

Do quimbundo **ndende**.

MUNGUNZÁ, s.m. Mingau de milho, canjica.

Do quimbundo **mukunza**, milho cozido. Também, cozido de feijão macunde, milho e jinguba, segundo Oscar Ribas, refeição angolana tradicional nos rituais mortuários [*No quintal volteava a mesma gente, que entrava e saía da cozinha com pratos e tigelas contendo milho e jinguba (amendoim) cozida em uma enorme panela de barro, que fumegava. Era o mukunza que, no próprio dia do enterro, se dá aos que vêm ao óbito. Não se nega a ninguém*] — Assis Júnior, "O Segredo da Morta", União dos Escritores Angolanos, 1985].

MUZENZA, s.f. — Filha de santo, em candomblés de raiz angolo-conguesa/ Nome dado à primeira dança pública das iaôs recém-feitas.

Do quimbundo **munzenza**, ignorante? Ou do quicongo **mú-nzenze**, pronto, preparado?

POMBA-GIRA, s.f. Entidade da umbanda, espécie de porção feminina de Exu.

Curiosa a etimologia desta palavra! Por se compor de dois elementos homófonos e homógrafos de outros dois existentes, independente e autonomamente, na língua portuguesa (**pomba**, ave, e **gira**, do verbo girar, na acepção popular de louco etc.), ela levou muitos estudiosos a conclusões apressadas. Nós, entretanto, nunca nos conformamos com os étimos sugeridos. E procuramos: estaria a origem nos termos quimbundos **pombe**, mensageiro; **pombo**, espião; ou **mbombo**, rosto, cara? Estaria algum deles associado ao quimbundo **njila**, estrada, caminho (ou na acepção de "ave" que essa palavra também tem?).

Qual não foi nossa surpresa, muito agradável, diga-se de passagem, quando nos deparamos com este texto de Antonio Fonseca em "Sobre os Kikongos de Angola", União dos Escritores Angolanos, 1985: "Os **Mfumus** (chefes de aldeia) são sepultados nas encruzilhadas principais dos caminhos das **Vatas** (aldeias), isto é, nos **Mpambu-a-Nzila**".

Então, o étimo estaria na expressão que designa, pura e simplesmente, a encruzilhada, habitat natural e preferido dos exus da umbanda? Fomos conferir: **Pambuanjila** = encruzilhada (Cordeiro da Matta, 1893); **Pambu a njila** = encruzilhada (Oscar Ribas, 1979), ou, mais precisamente "encruzilhada (**pambu**) do caminho (**njila**)". A expressão, como vimos, é comum, com ligeira variação gráfica, ao quicongo e ao quimbundo.

Para finalizar: **QUINDIM**, s.m. Iguaria tradicional da culinária afro-baiana, doce feito de gema de ovo, coco e açúcar.

Ekende, dikende e kende são, no quicongo, vocábulos que definem: a pasta de milho fresco que, depois de enrolada em folhas de bananeira, é assada ou cozida; pão de milho; grande pudim de mandioca ou milho fresco.

É possível que a língua portuguesa conheça ou tenha conhecido uma forma "quende" para nomear esse alimento. E essa forma teria um diminutivo "quendinho" que originou o nosso "quindim".

Assim pensamos, e entregamos ao juízo dos leitores todas essas possibilidades de étimos africanos na saborosa e negra fala da Bahia.

BIBLIOGRAFIA CITADA:

- ANDRADE, Mario de. **Dicionário musical brasileiro**. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1989
- ASSIS JR., Antônio de. **O segredo da morta**. 3ª ed. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1985
- BARNET, Miguel. **Memórias de um cimarrón**. São Paulo, Marco Zero, 1986
- BENÚDIA. **Nossas vidas, nossas lutas**. Luanda, U.E.A., 1985
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio, Forense-Universitária, 1977
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. Rio, Nova Fronteira, 1982
- FEIJÓO, Samuel. **El negro en la literatura folklórica cubana**. Havana, Ed. Letras Cubanas, 1987
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4ª ed., 2 vols., Lisboa, Portugal-Brasil Editora, 1925
- FONSECA, Antônio. **Sobre os kikongos de Angola**. Luanda, U.E.A., 1985
- KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Lisboa, Publicações Europa-América, s/d. 2 v.
- MATTA, J.D. Cordeiro da. **Ensaio de dicionário kim-bundu-português**. Lisboa, Casa Editora Maria Pereira, 1893
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário da língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio, Bloch Editores, 1988
- PIRES, Pe. Vicente F. In **Viagem de África em o Reino de Daomé**, org. Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1957
- RIBAS, Oscar. **Misoso**. 1ª vol. Luanda, 1979
- SAMPAIO, Mário Arnaud. **Vocabulário guarani-português**. Porto Alegre, L&PM editores, 1986
- VERGER, Pierre F. **Orixás**. Salvador; São Paulo. Ed. Corrupio; Círculo do Livro, 1981

casa  de
PALAVRAS

nelson
cerqueira

a política
do partido
comunista
e a questão
do realismo
em jorge amado

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

antonio
risério

cores
vivas

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

haroldo
de campos

o sequestro
do barroco
na formação
da literatura
brasileira:
o caso
gregório de mattos

2ª edição

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

maria da conceição
paranhos

adonias filho:
representação
épica
da forma
dramática

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

joão carlos
salles

o claro e
o obscuro

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

mark j. curran

cuica
de santo amaro
poeta - repórter
da bahia

Fundação Casa de Jorge Amado

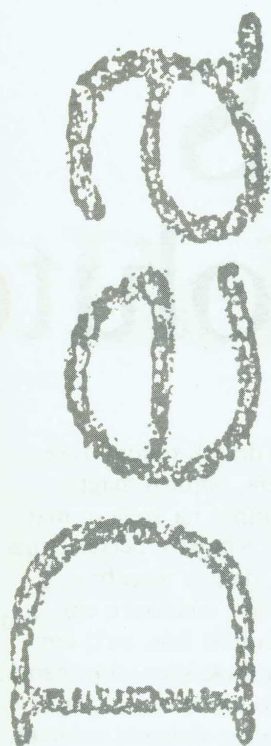
Coleção Casa de Palavras



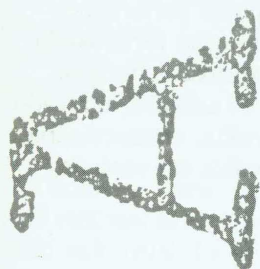
Fundação
Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, ■ Salvador ■ Bahia ■ Brasil
Tel.: 321-0070 ■ CEP 40.025

Pedidos pelo
reembolso postal ou cheque nominal
a Fundação Casa de Jorge Amado



Dêa
Navegadora (1890-1976)



Si al meridiano amor, en vuelo ardiente,
como nuevo camino de Santiago,
volviera a remontar el Occidente,
en su alado corcel, Astolfo el Mago;

y en alta noche el ostentoso agente,
crines de fuego y rastro de diamantes,
la redoma llevara de mi mente,
surcando claridades, sombras antes.

Aquella parte austral del continente,
desperezando ninfas a su paso,
pudiera conquistar, tierra sin gente,
el meridiano amor, en vuelo raso.

Cual cometa en su curva descendente,
su larga cauda dilatando el trazo,
la línea equinoccial dribla de frente,
decidido a la muerte, por si acaso.

Arma el combate y ruga el fuselaje,
hace la claridad temblar la tierra,
crece el furor, y se termina el viaje.
Toma parte el amor en esta guerra.

Vuélveme Astolfo el Mago el juicio escaso,
y si al tiempo la burla exacerbase,
envejecer la nave fuera el caso
y el vanidoso amor se preservase.

Ilhéus

Sol Absoluto

Nove horas: — Ilhéus, férias e luxo. Manhã de sol, redondo sol, quente sol, violento sol, — os meninos na areia, ombros magros, ossos visíveis, risos claros, dentes miúdos, meninos na areia, o mar gigantesco em verde e azul, aves refazendo vãos baixos, peixes e siris sucedidamente graves duelando em prateado, danças macabras, e ali em alegria os sobrinhos de umbigos redondos, cômicos e em agilidades rítmicas completando paisagem. Ela feliz (ela, eu?) em morno pêlo, corpo em pausa e som, vencedor imagístico, sim, não escravo do tempo, retirando alegria em ângulo unívoco. Ela, eu? com olhos de fúria no chão de infância, luz e objeto violando quimera, luxo no nariz que domina o riso.

Nove horas — Ilhéus'— Verão. Meu corpo (dela?) vertente de humor rodeando ancas desabridas, em branca cor devassa, o sol, sempre o sol, agora em começo de posse, forte, um espinho perturbando células distendidas em fome. Verão esperto. Paisagem formidando cores e luzes e brilhos, que cidade propósita, exdrúxula, perigosa, Ilhéus, horizonte elegíaco, perturbado, poluído de exagero, agravado de raízes hostis, por vezes ruins, mas que maravilha, extraordinária em calos bons do passado, o passado que a glorifica em verdade e paixão.

Nove horas: a quem possa gritar — “sou rica”, vontade em ascensão, sim, de anil e sal, misturados em orgias de fé, meu corpo (dela?) exposto em inaugural e polissêmico desejo, recebendo sol e sol, e ainda sol, memória em crivo e audácia, — oh, ser de pele lisa, cabelos castanhos, imaginação doente, coração bom, quase uma rainha, crise apenas nas unhas que crescem vexatórias, contorcidas. Uma perna cunhada no azeite, e eu, (ela?) perante o mundo vigorando lucidez, momentos devidos, certos. Sim, eu (ela?) fria, tática perigosa se (me) mostra perigosa e succulenta e já exausta ferindo qualquer coisa, todos. Oh, sim, qualquer coisa, inócua e próxima, muito perto de suas gengivas (minhas?), luzes na janela, uma seara azul no alto e círculos brancos e brilhantes em convívios parados, que paisagem, Santo Deus, Ilhéus. O inexistente enfeitando o cérebro qual bola desastrosa em agonia de ar, velhusca empunhada de gorduras invisíveis (ah! as gorduras invisíveis); meu corpo (dela?) nove horas — praia crescera, gente crescera, sol crescera (sim, o sol que ilumina Ilhéus, especial, cáustico, perfeito). O tempo se parte em trinta moedas de traição e anunciações de trabalho. Tudo dividido. Óculos

e Beleza

escuros sobre areia branca, lisa, fina, sobre os vegetais dos quintais sóbrios, indolentes. O coração intenta presença bruta, compacta. E ela (eu?) caindo em preguiça: verão, férias, a memória em dores de assombração, se impondo em majestade — dantesca, equilibrada, seca, delicadíssima, sabiam? delicadíssima, sim, delicadíssima, sim senhores.

E são muitos os que respiram ali na praia. E também nas ruas. E ainda nas casas. Um respirar tranqüilo, suave. E são muitos os que dizem palavras fantásticas, pontuais e experientes (de pescas e bailes, caçadas e ginásticas) busca da infância, aventura difícil nas correntes perigosas onde os pés (meus, dela, ?) sempre se gastam suados e escuros, descobrindo paredes recentes, ruas escondidas, tetos cinzentos, os pés novamente em pequenos milagres de história, descobrindo ruínas (ainda que amarelas), desalegrando todos, sem talento. Busca da infância, aventura nas correntes perigosas onde os pés novamente e sempre se gastam escuros e suados, inquietos instrumentos, descobrindo paredes recentes, ainda que amarelas, desalegrando muitos. Ela (eu?)

Nove horas — Ilhéus. — Sol eterno. Amarelo e rígido como um girassol elétrico, sol sempre, sempre e sempre. Permanente e agudo tocando tudo igual, tocha fecunda, amarelo e poderoso, Ilhéus, desfear como, cidade que se consumiu em dores e espera? o mais sim, o mais não, o mais sim, o mais não, tudo tão parado como lâmina doce, esguia; a música também chegando qual creme que lambuza vidros coloridos, sons iguais, brilhantes, desiguais, estridentes, sons de vida diversa, as esquinas da cidade em sua fome de alegria e exagero. Ilhéus, sua identidade de matemática, sua identidade de combustão, sua identidade de poesia, com seus filhos que não se medem em comportamento, que não se expõem em riqueza, que não somam suas ambições.

Nove horas: Ilhéus. Janelas abertas e o doméstico surgindo nas portas com seus umbrais claros, figuras se mexendo nas cozinhas, nos quartos, nas salas, nos quintais, uns e outros em queimações do tempo, tudo se perde, qualquer minuto anônimo registra uma queda, um silêncio, dócil ou rebelde abismo, um minuto, apenas um minuto, e também o progresso pode chegar total e arrasador, imponente, febril e másculo, dimensionando em exagero toda a cidade — as ruas pobres, as ruas ricas, um espetáculo de fé.

Anotações sobre Elvira Foeppel

Elvira Foeppel nasceu em Ilhéus, onde se diplomou em professora na Escola Normal. Desde menina, escrevia contos e poemas, passando a publicar seus primeiros artigos e reportagens no "Diário da Tarde", jornal de sua cidade natal. Na adolescência, leu muito os clássicos e os modernos, buscando assim formar uma cultura sólida e encontrar seu próprio estilo. Radiou-se no Rio de Janeiro, em 1950, onde passou a colaborar com artigos de literatura e contos nas revistas "A Noite", "Noite Ilustrada", "A Casa", "Leitura" e no "Jornal do Escritor" e "Jornal do Brasil". Secretariou a revista "Súmula Trabalhista" até 1980.

Elvira Foeppel estreou em 1956 com "Chão e Poesia", um pequeno volume de memórias curtas. "Círculo do Medo", quatro anos depois, é o seu segundo livro. A crítica saudou "Círculo do Medo" como textos da ficção inovadores e de antecipação. A autora abandonava por completa a narrativa tradicional, de princípio, meio e fim, e introduzia elementos de vanguarda na estrutura e na linguagem do conto, a exemplo do que ocorria com os escritores João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, que se constituem, sem dúvida, os procedimentos mais avançados de renovação formal em nossa ficção.

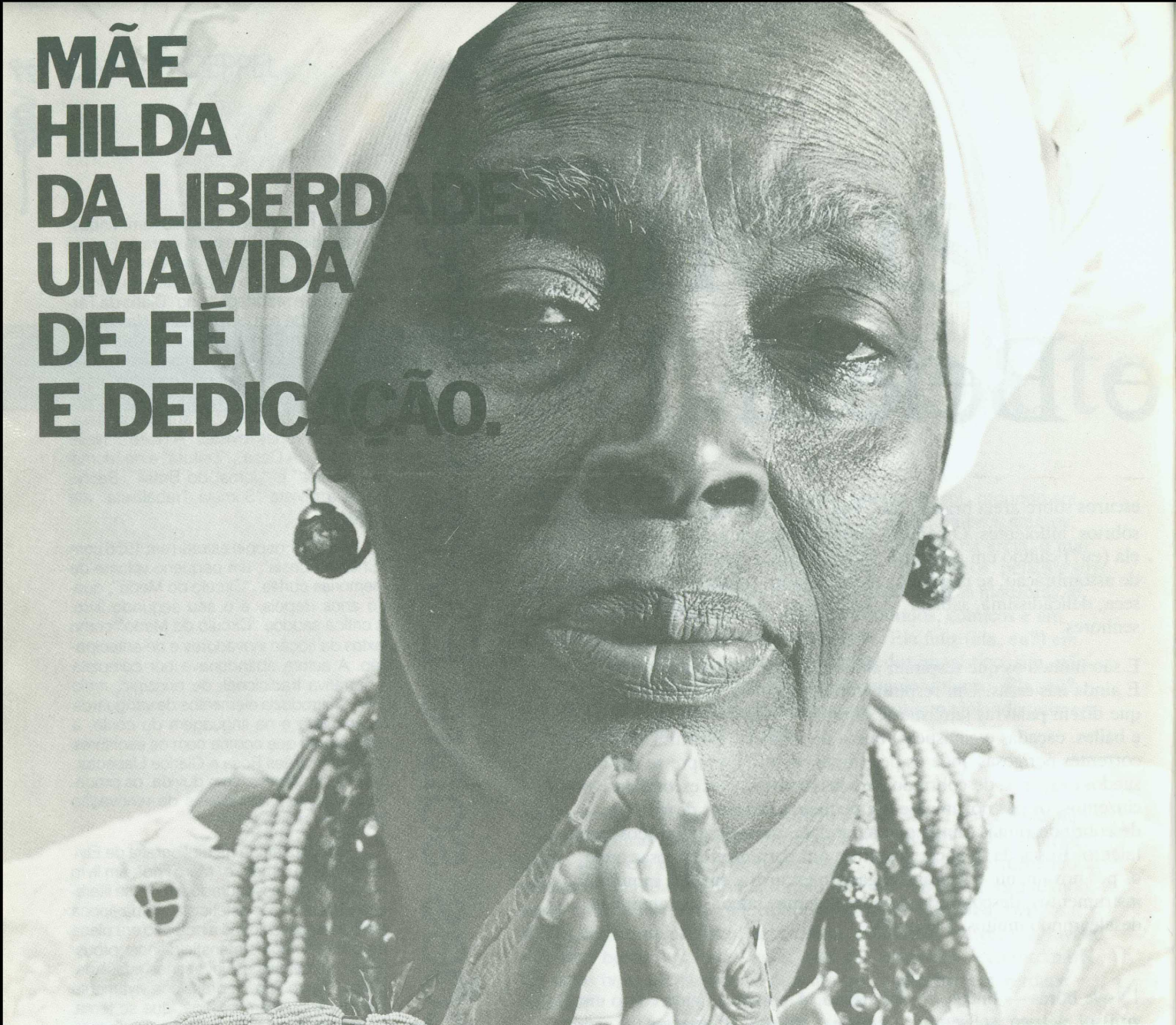
Consta ainda na bibliografia de Elvira Foeppel o romance "Muro Frio", um livro que tem lugar assegurado em nossa literatura de renovação esteticista, numa época em que a nossa ficção ainda não era plena de procedimentos mansfieldianos, proustianos, saroyanianos, joyceanos e faulknerianos. "Muro Frio" impressiona vivamente por sua linguagem poética, que se torna, na atmosfera do livro, instrumento de mergulho existencial feito pela ficcionista no trajeto vivido por suas criaturas.

Elvira Foeppel participa ainda das antologias "Panorama do Conto Baiano", "Histórias da Bahia" e "Moderno Conto da Região do Cacau". Tem os seguintes livros inéditos: "Experimentos do Arroz", contos, "Íntimos da Morte", romance, e "Memória Nua", novela.

O poeta Jorge de Lima observou certa vez que alguns de nossos melhores autores ainda permanecem inéditos, enquanto o crítico Fausto Cunha referiu-se a uns 10 ou 15 escritores da melhor qualidade que ainda não conseguiram circular no espaço das editoras de grande porte, geralmente localizadas no Sul do País e com distribuição nacional. Tais observações podem ser aplicadas ao caso de Elvira Foeppel, cujos textos de ficção merecem melhor receptividade, de público e crítica, há muitos anos.

O texto de ficção "Ilhéus — Sol Absoluto e Beleza", de Elvira Foeppel, foi escrito para a antologia "Para Amar Ilhéus e Itabuna", prosa e poesia, que estamos acabando de concluir.

MÃE HILDA DA LIBERDADE UMA VIDA DE FÉ E DEDICAÇÃO.



Promédica 

Rompendo a barreira do tempo

Olho gordo, espinhela caída, mau olhado e até mal de amor... Mãe Hilda sempre tem uma bênção, um banho de folha e uma oração pra tranquilizar o espírito e curar o corpo. Toda esta força é fruto de uma vida de fé e dedicação. É por isso que a Promédica a respeita tanto. Pois, embora tenham crenças diferentes, no fundo tanto a Promédica como Mãe Hilda dedicam suas existências à mesma causa: a preservação da saúde e do bem-estar do próximo.

E tudo que a Promédica é, hoje, também é resultado dessa dedicação à tudo aquilo em que acredita.

Mãe Hilda da Liberdade, Sauré!

O Circo

Só com uma lona e quatro paus
um circo não se faz.
É preciso macacos e acrobatas,
bailarinas e palhaços:
calças frouxas, corpetes apertados,
ângulos vários, rótulas, rotundas...
e o ritmo *staccato*
de todo picadeiro,
janeiro a dezembro, dezembro a janeiro.

Senhoras e Senhores,
(mais justo não seria
Meninos e Meninas?)
o espetáculo vai começar.
Não é para eles e por eles,
afinal,
(não importa quantos janeiros)
que alegre vibra em compasso
essa mágica estrutura circular?

Gentis damas, Distintos cavalheiros,
vai começar o concerto de obviedades:
variedades a mãos-cheias, suspense pra consumo;
em ledão desafio à caixa de Pandora
desfilarão perigos mil aos vossos olhos.
Deixai, porém, que rufem os tambores:
ao final receberéis na bandeja
não a cabeça de nenhum Batista
mas delicioso *happy-ending* ao molho pardo.

É o circo, Senhoras e Senhores,
a cidade tomando de assalto:
megafones, clarins,
trombetas anunciam
elefantes dançarinos, chimpanzés ciclistas,
cachorros futebolistas...
e o globo-da-morte
girando, girando,
girando, girando.

Anjos e marmanjos
no picadeiro e na platéia,
40 graus à sombra ou 20 negativos,
são os mesmos paetês, as mesmas rendas,
os mesmos estribilhos...
bailarinas transparentes, palhaços sorridentes,
piruetas de cá, piruetas pra lá...
e o riso da garotada
transfigurando o espetáculo.

Mas o que conta mesmo,
Senhoras e Senhorinhas,
é o olhar
às vezes fascinado das crianças
e o olhar
pra sempre embaciado dos avós
que as levam
sob o olhar
ainda vigilante das vovós.

E agora, respeitável público, "Os Irmãos..."
(que às vezes nem são irmãos) trapezistas, malabaristas,
(asiáticos ou nórdicos) de nomes estrambóticos,
embora nascidos em esquina do próprio bairro
onde bem ou mal armado o circo está:
Ringling Brothers & Barnum & Bailey no Madison Square Garden,
Moscow Circus, Circus Krone, Cirque d'Hiver... ou qualquer um
em Madureira, Caxambu, Tijipió...
ou Água-de-Meninos.

Em seguida, lá vem o ilusionista:
"Já desafiou e encantou as platéias do mundo inteiro!"
com seu *texedo* vermelho, sua cara de índio, seu rosto de lua cheia
e mãos que produzem milagres aos borbotões:
lenços brancos que viram brancos coelhos, espadas que perfuram
o corpo escultural da *partner* que os olhares nos desviam
do mago fenomenal...
e o lance já tão surrado mas sempre apoteótico
da bandeira nacional.

E logo os aplausos se derramam
Para o Rodolfo Ramirez,
"el domador mejicano",
mientras que celoso y escéptico
— *I wonder whether anywhere on earth* —
num circo polonês?
num circo javanês?
em algum lugar anunciam
"o domador brasileiro" — um João da Silva, um João dos Santos?

Ai! por favor, me tirem essa abertura aí da lona
que nos traz a luz do dia
mas nos deserda da luz da fantasia!
E abafem essa voz sebosa
de *merchandising* de beco...
e de volta nos tragam os circos da infância,
quando ao som de "Sobre as Ondas"
o coração nos batia em disparada,
perdido de amor pela moça do trapézio.

Ah! velhas valsinhas dos circos de cavalinhos...
— o circo dentro do circo!
Da noite veríssima da fantasia
nos restam hoje apenas as lembranças
dos tigres do Bukowski,
dos leões do velho Santiago
— Papa Hemingway já para além do mar —
e o globo da Morte
a girar, a girar, a girar, a girar...



SESI / FIEBa

Entidade de direito privado, mantida pelos empresários, o Serviço Social da Indústria — SESI — tem na Bahia uma das melhores prestações de serviço entre os estados brasileiros. Acompanhando a expansão industrial baiana, o SESI oferece uma estrutura de atividades que vai desde o estudo, planejamento, e execução de medidas que contribuam para o desenvolvimento sócio-econômico baiano, a uma capacitação do trabalhador com a melhoria das condições gerais de vida da família industrial, orientando atendimentos de acordo com sua meta fundamental — a valorização da pessoa humana.

A Educação

Compreendendo cinco áreas, escolarização, formação cultural, curso de qualificação, de capacitação funcional, e manutenção de bibliotecas, a área de Educação do SESI-Bahia tem um sentido abrangente que vai desde o ensino regular ao supletivo, através de cursos de alfabetização, supletivo de 1º e 2º graus, formação e capacitação profissional.

Ano 90

Com um desempenho que o levou a ter cerca de dez mil alunos na pré-escola, primeiro grau e supletivo, e cinco mil na formação e capacitação profissional, oferecendo ainda a estes assistência alimentar, creches, práticas esportivas, o ano de 90 foi dos mais positivos para o SESI-Bahia, com resultados surpreendentes, desde o número de matriculados, extrapolando qualquer previsão, ao alto índice de aproveitamento, alcançando metas que evidenciam cada vez mais o princípio de com sua atuação levar melhores condições de vida ao trabalhador e seus familiares, através da formação integral do homem.

Formação Integral

Pré-Escolar

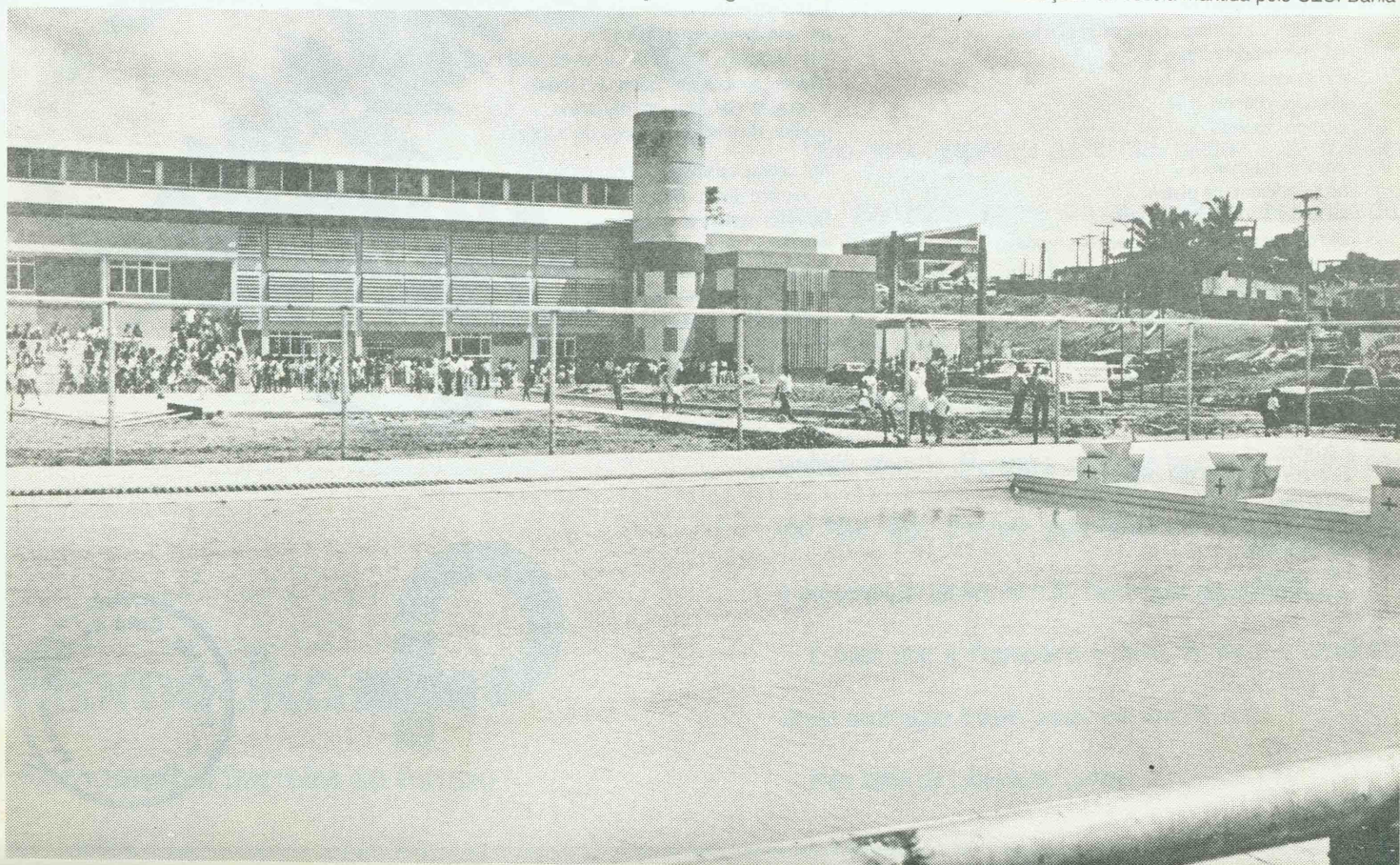
Na educação do pré-escolar, o objetivo do SESI é atender às necessidades e interesses da criança de zero a seis anos, proporcionando-lhe oportunidades e experiências que facilitem a aprendizagem, bem como desenvolver habilidades e atitudes específicas para as fases posteriores da educação regular, objetivando, ainda, o desenvolvimento harmônico da personalidade dos menores.

Ensino de 1º Grau

O ensino de 1º grau nas escolas do SESI, destinado às crianças e adolescentes na faixa dos 7 aos 14 anos, dirige sua política para a melhoria qualitativa e a otimização dos recursos. Tanto quanto possível, o SESI empenha-se na celebração de convênios diretos com as empresas, o Estado e outras entidades para a utilização do salário-educação e/ou obtenção de bolsas de estudo. Essa diretriz já resultou em acordo de cooperação técnica com o SENAI, objetivando proporcionar a formação especial do currículo, no ensino de 1º grau.

Exibição de alunos de judô num shopping center de Salvador-Bahia.

Instalações de escola mantida pelo SESI-Bahia



Ensino Supletivo

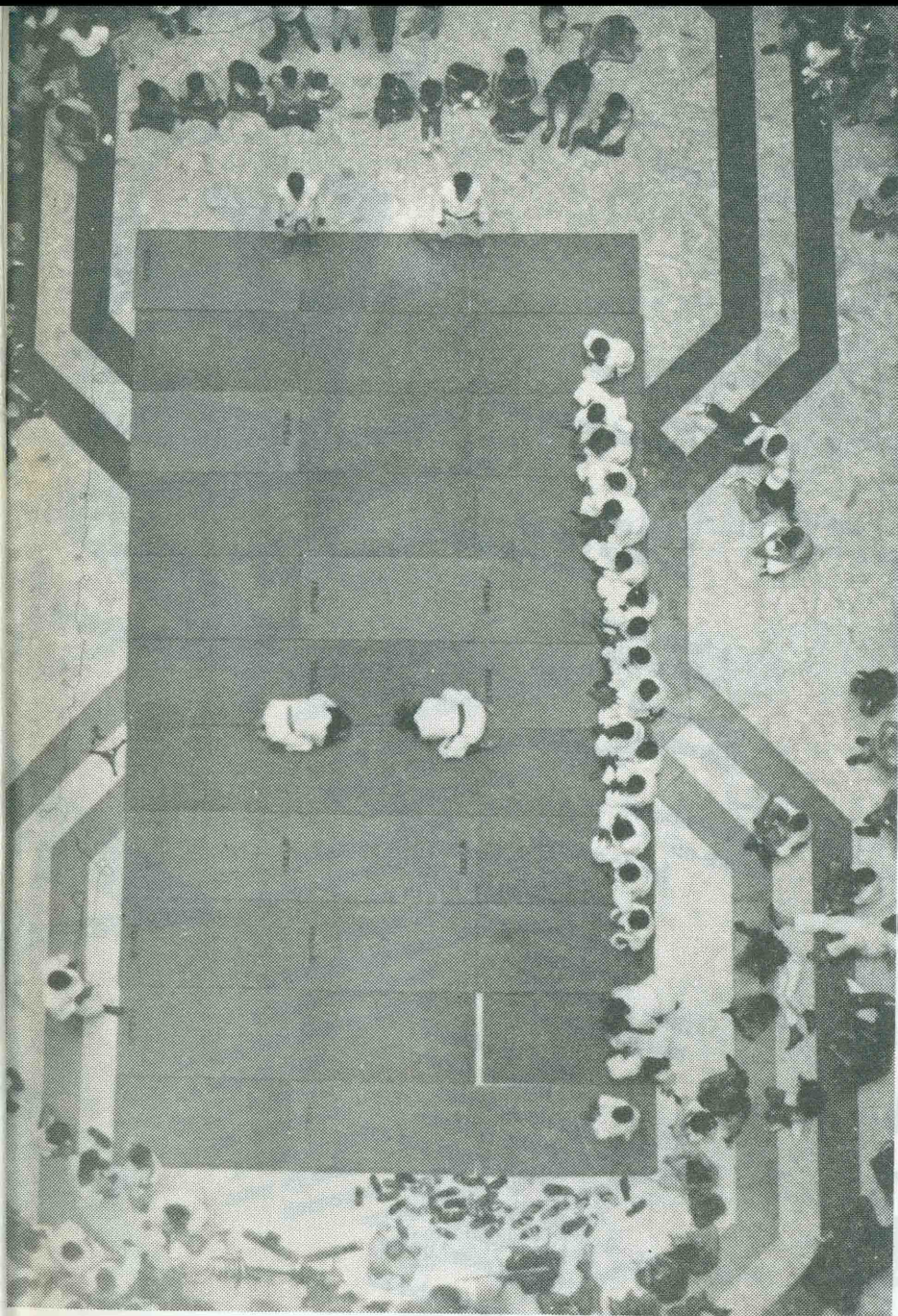
O ensino supletivo, na função de suplência de 1º e 2º graus, atende os adultos que não tiveram, na idade própria, oportunidade de escolarização, propiciando-lhes continuidade de estudos e possibilidades de qualificar-se para o trabalho e integrar-se ao meio social.

No ensino supletivo são mantidas, ainda, as funções de suprimento e qualificação. O suprimento, desenvolvido pelo Programa de Educação Familiar, ocupa lugar relevante no SESI e engloba uma série de atividades que visam contribuir para o desenvolvimento pessoal do indivíduo, propiciando-lhe, ainda, condições para aumentar a renda familiar, seja na adequação do consumo e na racionalização do orçamento familiar, seja na aquisição de habilidades específicas que lhe permita ingresso no mercado de trabalho. Com vistas à formação e ao atendimento dos educandos, o SESI oferece, também, atividades que extrapolam o conteúdo didático e informativo, prestando atendimento nas áreas médico-odontológica, alimentar-nutricional, psicológica, cultural-recreativa e integração familiar e comunitária.

Nos últimos anos, o SESI vem dando enfoque especial à educação permanente, como forma de manter o trabalhador e sua família atualizados, possibilitando-lhes responder à constante evolução cultural e tecnológica e participar como agentes do desenvolvimento.

Biblioteca

Como apoio às atividades educativas e proporcionando à comunidade informação e recreação pela leitura, o SESI mantém serviços de biblioteca nas empresas e no interior do estado não só através de unidades fixas como volantes, tornando possível a divulgação e a preservação da cultura.



IR KAA MÊ IR

brad braad braden
clá zur bra de noó
tum! tum! tum!

ir de ir de ir...

allá del sol
del sul

al mar del sigra
al má de vingança
dança de guê

erra de pan
tan claá urutau pavô

alma de vô

ô
ir kaa mé ir
tua lança é de lei
trança de leizer

tabanav atônita
atômicaulim

ocaconcreta
metanatos

erosbyt

matoscontinuum
hábitu nú

lar de amargo
amor de láceros

nel zorazon de plata

rezabolicion

revolucion

cater cysma de fé

marqiacristo ué

pagé de obatalá
tribo tu futuro
raça de aquárius
pleno milênio
uno multi plu cor

dije muzenzo darô
yê silê ossain
"eu eu assa" odá

guenzo bei ná

tris dar zulu
ukar nomi apô de ji
za za ukêtemi balô

tambar no sei
uke le lê

ditong li

berta lua de ci

plana de ande

en las caminhaduras del vento
acaricia o tempo
nas cordilheiras altiplanas

muda catinga lhama
chama de neve

um jegue afônico no planalto
e uma vaca em camera lenta!

vuahhhhhhhhhhh!
vuahhhhhhhhhhh!

atêclêpei matom obá
tupyutupyutido de ira

ora pra riba
teribááá
teribááá meu sep-137-H

(pós ladainha para Jorge Amado)

é um dos integrantes do
Movimento Poetas da Praça,
tem vários livros publicados e trabalhos em
revistas e jornais de todo país.

e as meninas na roda
e os meninos na cola
crava um sandivixe de tatu
bola pra lá
rola no bar
coca colar
no altar da família
o médico ora por conta da operação
em enetênes de sangue
indigente de saber
droga no café
deus jejum e ópio

ignorata no copo
de alieniciação
segue
anos luz no farol
tráfego estelar avança
no encalço da galá q CIA /mãe
rota total
simbora via lampalúdica
acústica de nervos terminais
neom de ghêtos
medos aparelhados
credos rasgados
porque lá dentro afora
o infinito rompe o atrito
e some em sêmem
no caos harmônico sideral
do mal de bem
do yin de yang
do sim de não
guerra de paz
amor de ódio
homem de mulher
espaço tempo quadridimenspiral
tudo que o nada movimentávido
vida em ritmo pulsar
quanta de si
como se está...

y aqui na massa baiana
alguem olha q é olho y vÊ:
o coração q manda
não tem cabeça

ai
me diz que são apenas saudades

um autedór de pelúcia
raposa o tédio nos muros
é que o prefeito vai inventar
um pai neo pros grafiteiros
riscarem elogios
aa sua (dele lá) progenitora
mas depois do almoço

moça
lamboprato
lambelambe

RETRATOCOTIDIANO
DEUMBURACONEGROT
EM LUMINARTPOLII
CRÔNICADEUMSÓSII
Len Cio

cingapura

SETEMBRO

Primavera manhã
dança de tantos signos
virgem presença
que balança —
equilíbrio no tempo —.

Leticia Prata

COTIDIANO IV

S em exceção, todos estavam trajados com requinte e esmero, como recomendava o evento. À medida que os convidados iam chegando, circulava pelo ar um sentimento de curiosidade. A um canto, um trio, dois violinos e um órgão, davam o toque de classe ao ambiente. Os garçons, em número elevado, rodopiavam pelo imenso salão de mármore, servindo com excelência profissional aos presentes que, dissimulando distração, corriam apressadamente em se servir dos canapés e salgadinhos regados a whisky importado, conforme se podia observar pelas garrafas colocadas estrategicamente nas bandejas, de modo a deixar os rótulos à mostra. Alguém, que fazia as vezes de mestre de cerimônias, recebia e introduzia os convidados mais importantes nos grupos previamente induzidos, a fim de que as conversas pudessem frutificar. Os fotógrafos cumpriam sua parte, procurando reunir o maior número de celebridades para as fotos que iriam no dia seguinte para os jornais. Nenhum detalhe foi esquecido, tudo funcionava conforme o planejado. Lá pelas tantas, a música cessou, os convidados abaixaram o tom das conversas, até que se fez silêncio, as luzes se apagaram, ficando apenas um foco central, onde já se encontrava o grande volume envolto num paño escuro que o cobria completamente. Quando a ansiedade já se tornava insuportável, o tecido foi suspenso no ar por imperceptível fio de náilon, que deixou visível o motivo de todo aquele suspense. Imponente, cinza metálico, retilíneo, forte e luxuoso, lá estava ele, o novo lançamento da indústria automobilística. Os faróis começaram a piscar, as portas foram abertas e o público, em êxtase, após aplausos sensibilizados, cercou o objeto, tocando-o, alisando-o. Era verdade, ele existia.

Cristina Pinheiro Pereira

Lucas fechou a porta construindo o vazio sêco que engoliu meu quarto. Tomada de uma fúria batia o travesseiro na cama, rasgando a fronha. Rasgando o ar com gritos que lhe apavoram — ele teme a nudez dos gritos. Arranquei os lençóis da cama, chicoteiei a parede com seu branco. O branco impregnava o quarto.

Seios pendiam do tronco magro. Corpo agudo em gritos.

Deixei-me engolir pelo branco do lençol, aninhei-me no canto do mundo. Quizera filtrar imensa luz, como fazia Lucas ao deitar carícias sobre o seu corpo. Embalei-me em soluços que pareciam alheios a minha carne; como uma cantiga vinda da vitrola. Temi tamanha preguiça depois do furacão. Uma quietude descabida me surpreendeu.

A lembrança imprecisa de barro e vidro se estilhaçando no azulejo; cadeiras e mesa arrastadas de um canto a outro do quarto-e-sala revirado de dor. Adivinhava esse vazio atravessando minha vida sempre e tanto, insistindo.

Deixei-me engolir pelo branco do lençol e uma nuvem invadiu minha alma.

Guardava uma incapacidade de olhar a chuva desabando lá fora. Havia uma saudade daqueles olhos. Eles me faziam existir no deslizamento, sem sentido, das horas. Se não tenho este olhar o espelho reveste-se de uma falha.

Lucas fechou a porta, restam-me as letras. Inventarei uma existência.

Cacilda Laborda

O SOBREVIVENTE

À noite contou todas estrelas
que um homem pode contar.
Ligou a TV no canal meteorológico
e dormiu com a paz de um tempo bom.

Ana Luz

A Fundação Casa de Jorge Amado e a Embaixada do México inauguraram **dia 7**, na sede da Fundação, Largo do Pelourinho, a exposição "Los Zapatas" de Diego Rivera, até o **dia 1º de março**, das 9 às 12 e das 14 às 18 horas. Com esta mostra a Fundação Casa de Jorge Amado iniciou a sua programação do ano de 91.

A exposição "Los Zapatas" é composta de desenhos originais e posters criados por Diego Rivera, o grande muralista mexicano, alusivo a trajetória de Emiliano Zapata, um dos símbolos maiores da luta pela liberdade do povo latino-americano. Rivera e Zapata são dois personagens que ocupam um lugar destacado na história do México. O primeiro participando do movimento muralista que configurou a personalidade da pintura mexicana neste século, e o segundo nas lutas pela liberdade do povo do México, sendo um herói do país.

Dia 16, a partir das 18 horas, na NR Galeria (Shopping Iguaçu, 3º piso), a Fundação Casa de Jorge Amado comemorou com o lançamento do número 18, **três anos de publicação da Revista EXU**, numa edição sobre a poesia baiana da Geração Mapa aos dias de hoje, tendo na capa, desenho original de Floriano Teixeira. Também foi apresentada a exposição **Originais das Capas**, com trabalhos de Sergio Rabinovitz, Humberto Vellame, Calasans Neto, Cesar Romero, Bel Borba, Jader Resende, Maria Adair, Regina Costa, Sante Scaldi ferri, Floriano Teixeira e Carybé. O evento teve o apoio

da Antártica, Hotel da Bahia, Vinhos Lejon, Bigraf e Studio Domingos.

A exposição **Originais das Capas** na NR Galeria, reuniu trabalhos dos artistas Sergio Rabinovitz, Humberto Vellame, Calasans Neto, Cesar Romero, Bel Borba, Jader Resende, Maria Adair, Regina Costa, Sante Scaldi ferri, Floriano Teixeira e Carybé, tendo por intenção mostrar ao público baiano estes quadros, hoje pertencentes ao acervo da Fundação Casa de Jorge Amado, doados por seus autores, todos partindo de um tema em comum, a representação pictórica do orixá EXU, dentro do estilo que cada qual trabalha.

Para esta coletiva somou-se ainda um outro quadro, na temática natural da obra destes onze artistas, permitindo assim ao público avaliá-los, confrontá-los, já que a mostra com seus dois lados — unidade e diversidade temática — e na reunião de consagrados e novos poderá oferecer um painel da arte da Bahia agora.

Publicada bimestralmente pela Fundação Casa de Jorge Amado, a **revista EXU** vem divulgando em suas páginas a literatura criada na Bahia e nos outros estados brasileiros, e promovido o conhecimento da literatura internacional feita atualmente, como foi realizado diretamente na edição 17, com capa de Sante Scaldi ferri, sobre tradução e autores estrangeiros, consolidando o que afirmava no editorial do primeiro número de ter a intenção maior de abrir canais de comunicação com todas as partes do

mundo, trabalhando com várias linguagens, desde a literatura até as mais variadas tendências das artes e da cultura, nas suas múltiplas tendências, além de documentar os autores baianos.

Na EXU, nestes três anos, autores consagrados e inéditos publicaram contos, ensaios e poemas, ilustrados por trabalhos de artistas plásticos, originando uma programação gráfica visual das mais atuais. Em cada número entrevista-se uma personalidade da vida cultural da Bahia, registra-se as atividades da Fundação e resgata-se textos inéditos em livros do escritor Jorge Amado. Nas outras áreas de arte publicou o texto de peças teatrais, ensaios fotográficos e nas artes plásticas, além da capa que traduz uma visão de cada artista sobre o orixá EXU, os posters reproduzindo um trabalho e constando de uma reportagem biográfica sobre o autor.

Nos seus dezoito números seria extenso reproduzir todos que já foram publicados, mas vale ressaltar textos inéditos de Jorge Amado, capítulo de O Sumiço da Santa, Severo Sarduy, José Saramago, Haroldo de Campos, José Paulo Paes, Francis Combe, Zélia Gattai, Vicente Cecin, Capinam, Sonia Coutinho, Judith Grossmann, Myriam Fraga, Antonio Risério, Wally Salomão, Arnaldo Antunes, Luiz Turiba, Ademir Assunção, Bêu Machado, Julio César Lobo, Ruy Espinheira Filho, Antonio Brasileiro, entre tantos outros, principalmente jovens que vieram a ter seu primeiro texto publicado nas páginas de EXU.

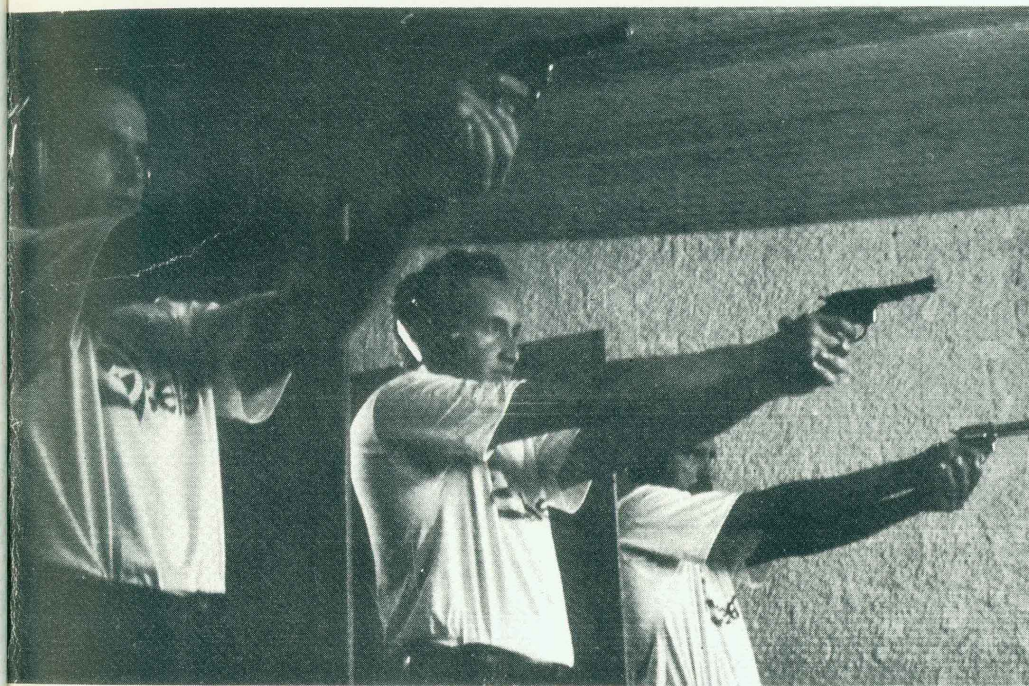
A Programação da
Fundação Casa de Jorge Amado
tem Apoio Cultural de:

bnb BANCO DO NORDESTE
DO BRASIL S.A.



A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

selen



VOCÊ PREZADO EMPRESÁRIO,

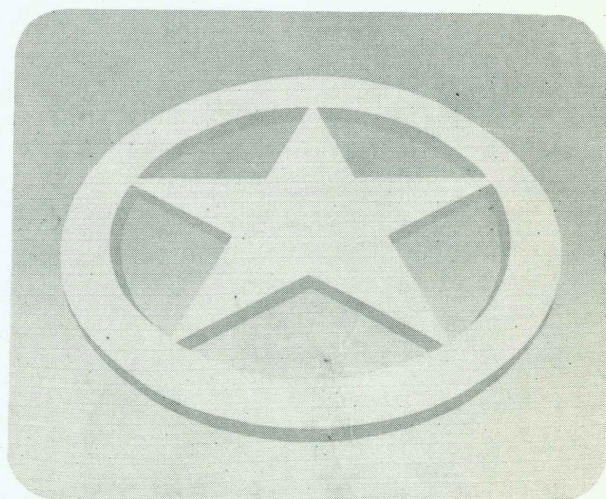
gastou tempo e dinheiro, investindo em seu negócio. Nós da SELEN também investimos em nossa Empresa para oferecer a você o que há de melhor e mais moderno em serviços de guarda, segurança e vigilância. Por 24 horas diárias e em turnos consecutivos, colocamos à sua disposição, profissionais de elite, devidamente credenciados e diplomados em cursos de relações humanas no trabalho, primeiros socorros, noções de direito penal, defesa pessoal, armamento & tiro, adestramento físico, combate à incêndio, técnicas operacionais, segurança física de instalações, além de exames médicos e psicotécnicos periódicos.

O MAIS IMPORTANTE, é que nós efetuamos uma completa sindicância sobre a vida do vigilante, que envolve uma pesquisa sobre antecedentes criminais e atividades profissionais até a atual.

POR ISSO E POR OUTRAS RAZÕES, EXPERIMENTE OS BONS SERVIÇOS DA SELEN, VOCÊ VAI NOTAR A DIFERENÇA.

Dê uma ligadinha e solicite a visita de um representante nosso.

Teremos prazer em orientá-lo devidamente.



SERVIÇOS DE VIGILÂNCIA LTDA.

Rio de Janeiro • Niterói • São Paulo • Santos • Curitiba • Recife • B. Horizonte • Salvador • Porto Alegre • Campinas

Filial Salvador / Bahia; Rua Pará, 301 / Pituba / Tel.: 248-9922

Glaubson Lopes de Melo - Diretor Regional / Júlio Sérgio Gonçalves Elias - Gerente Comercial

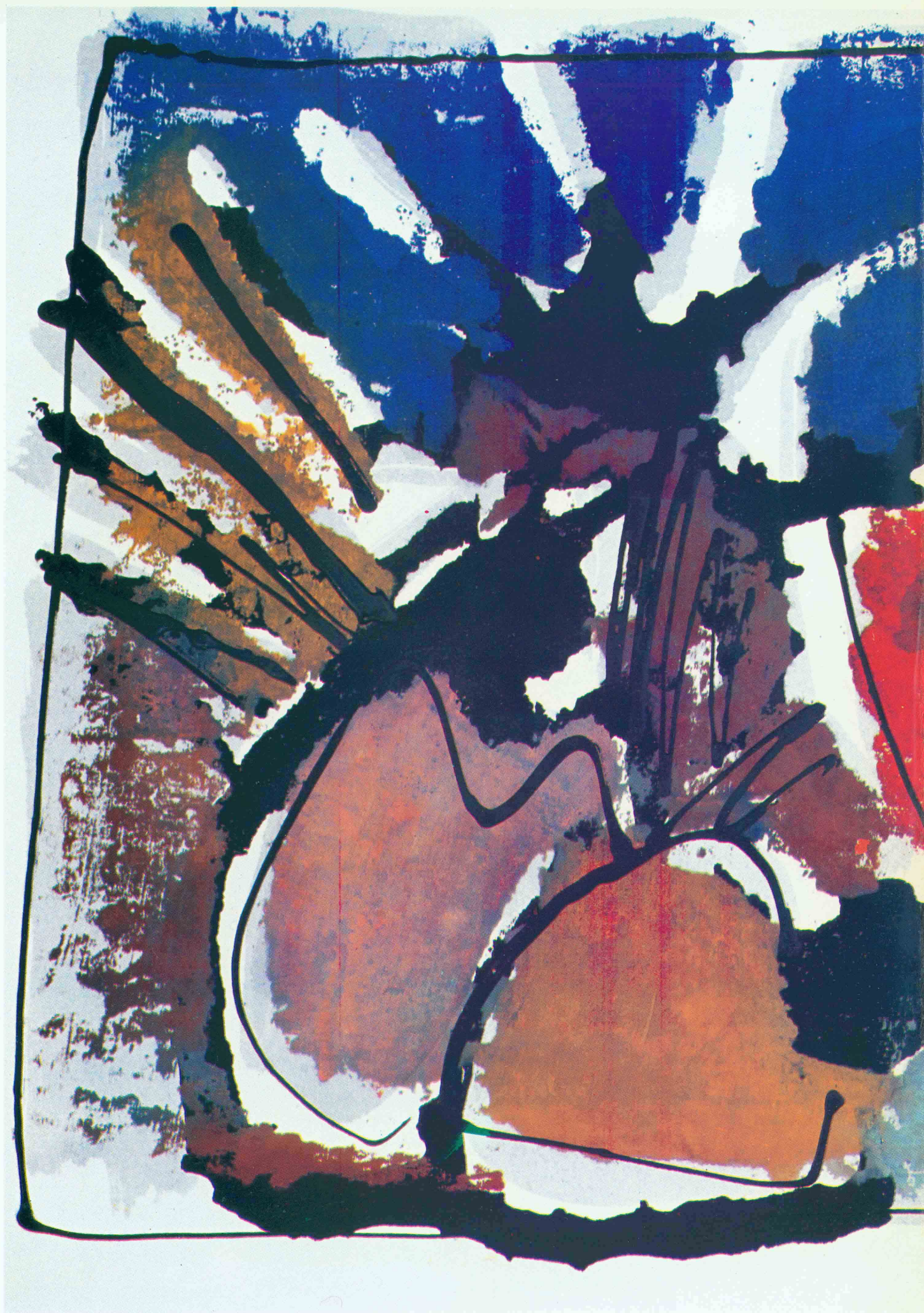
CDB PARCELADO ECONÔMICO.

VOCÊ NÃO VAI SENTIR SAUDADE DO OVER.

Se você estava em dúvida sobre onde aplicar o seu dinheiro, agora que o over e os fundos de curto prazo acabaram, não se preocupe. O Econômico criou o CDB Parcelado Econômico. A operação é simples, direta e automática, através da sua conta corrente. Aplique no CDB Parcelado Econômico. Fale com o nosso gerente e continue ganhando sempre.



ECONOMICO





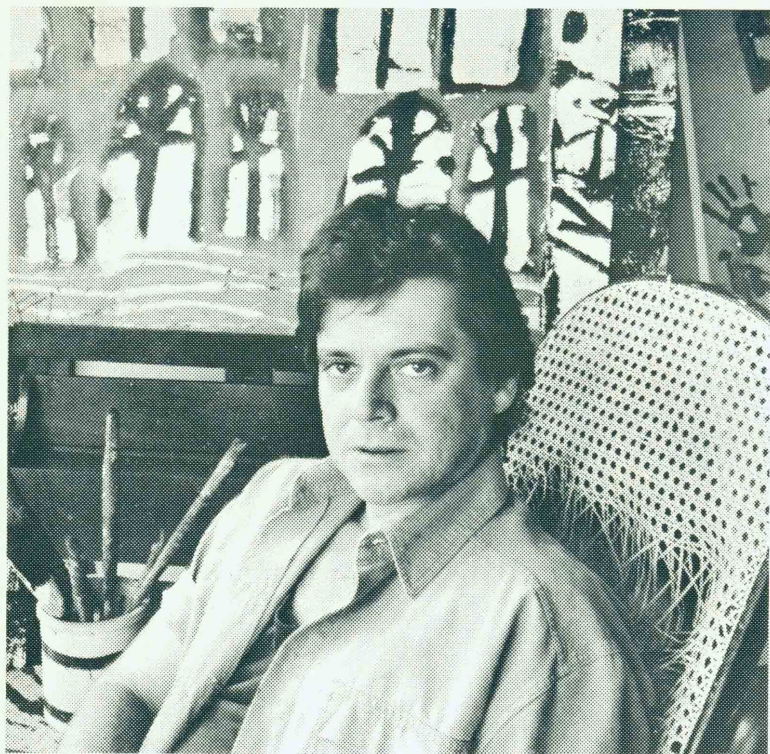
EXU

19

SERGIO RABINOVITZ

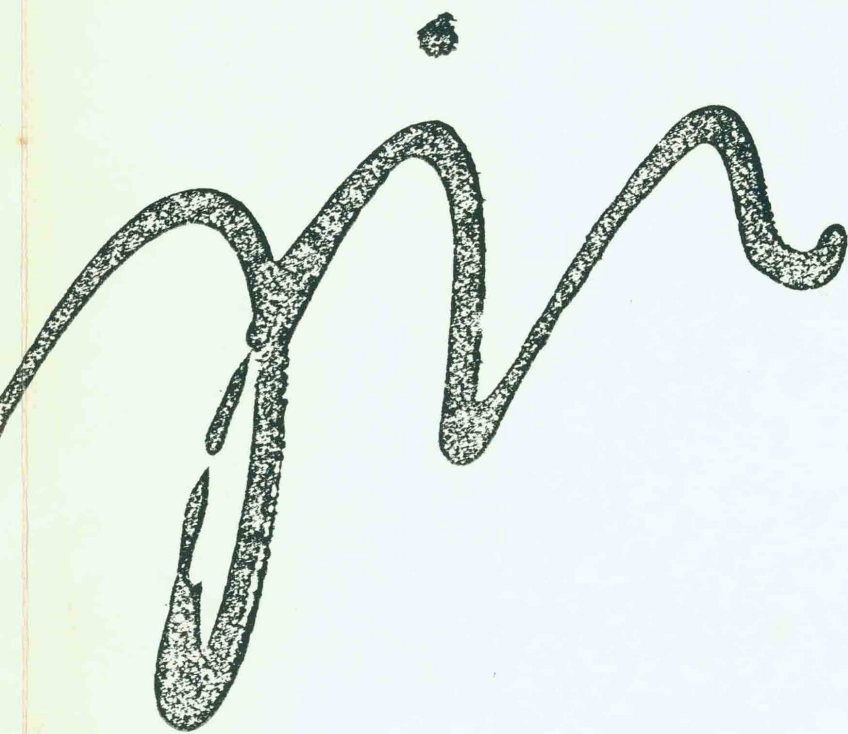


Fundação
Casa de Jorge Amado



Sergio nasceu e vive na Bahia, e teve sua formação realizada por vivências no atelier de Mario Cravo Jr. e Calasans Neto, e posteriormente em New York, onde graduou-se Bachelor In Fine Arts na Cooper Union Arts School, onde foi aluno de Hans Haacke, Marciano, Reddy. Quanto as exposições, a primeira foi em 1975, Bahia, na Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, daí dando início a uma seqüência que o coloca tendo uma das trajetórias mais importantes da sua geração. Ganhador do primeiro prêmio de desenho na II Mostra do Desenho Brasileiro, representante oficial do Brasil na VII Bienal Internacional do Chile, participação na Contemporary Brazilian Lithograph, Washington, D.C., Estados Unidos, Panorama de Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Artistas Baianos, Brasília e Buenos Aires, Sergio tem obras em coleções — Davidson Print Collection e Fundação Cooper Union, ambas nos Estados Unidos, Museu de Arte Moderna da Bahia, Banco Safra, Coleção Kim Esteves e Fundação Casa de Jorge Amado.





O que representa?

Esta é uma das perguntas mais usuais dos espectadores diante de alguns objetos artísticos.

É necessário produzir sentido para uma compreensão clara, não bastando o sensível do prazer, a alegria de estar, a felicidade de ser.

O não entendimento diante da arte, antes de qualquer outra coisa, evidencia o desejo de um sentido que não está sendo dito como dado de uma leitura primária ou primeira.

Com isso,

cores

linhas,

gestos,

ritmos,

traços,

riscos,

flutuam junto com a pergunta inevitável

— o que representa?

Não há tradução.

Explicar seria dizer sim a morte, quando se é o avesso

— jogo entre a existência,

sua representação pelo seu segredo,

e a priorização de um essencial

que desvela o fato artístico,

e desta combinação a transparência do que quer que seja e que é.

Tudo e nada.

Tudo mais que nada.

Nada menos que tudo.

Mas todo este papo é só

para revelar o que representa

a arte de Sergio Rabinovitz,

construída no percurso,

Bahia-New York-Bahia-São Paulo-Bahia,

onde o Pelourinho confunde-se com o Village,

numa síntese através de uma caligrafia de cores fortes e

de um grafismo emocional no seu gesto — abstração

na busca do primeiro ato da caverna,

do muro, do metrô —,

até este momento onde a sugestão figurativa passa para

o plano inicial do olhar levando-nos no seu desejo

de intérprete da beleza de uma chama da alma que

se revela ao abrir das janelas para integrar-se a festa

vida que ele quer arte.

único sentido para que tudo possa ser compreendido

no prazer da alegria.